



LÉON DENIS

Textos selecionados

Juiz de Fora- MG

LÉON DENIS

Textos selecionados

Apresentação

Léon Denis (1846-1927) foi um grande estudioso da Doutrina espírita, sucessor e propagador da obra de Allan Kardec, a qual ampliou em termos filosóficos. Seus elevados conceitos doutrinários, alicerçados na mais pura moral cristã e nos ensinamentos dos Espíritos evoluídos, lançaram novas luzes sobre a Doutrina Espírita, que enfrentava, na época, os duros ataques de grupos religiosos e de cientistas materialistas.

Era também um orador excepcional, que sempre atraía multidões. Sua vida era regradada pelos exemplos de renúncia e dedicação, tendo sempre para com todos uma palavra de ânimo. Sua vasta obra literária enriquece a biblioteca espírita e deve ser estudada pelos espíritas que desejam buscar um maior aprofundamento doutrinário.

Objetivando oferecer ao espírita estudioso uma imersão no pensamento de Denis, selecionamos alguns textos, que foram dispostos de forma aleatória.

Na organização deste trabalho foram examinadas as seguintes obras: Depois da morte, O problema do ser, do destino e da dor, No invisível, O grande enigma, Síntese doutrinária e prática do Espiritismo, Socialismo e Espiritismo e Cristianismo e Espiritismo.

Abreviaturas dos livros citados

DM: Depois da morte

PS: O problema do ser, do destino e da dor

NI: No invisível

GE: O grande enigma

SD: Síntese doutrinária e prática do Espiritismo

SE: Socialismo e Espiritismo

CE: Cristianismo e Espiritismo

Texto 01

O Espiritismo é o credo futuro da humanidade. Não será a religião do futuro, mas sim, o futuro da religião. Ele é, ao mesmo tempo, uma ciência positiva, uma filosofia moral, uma solução social. **SD**

Texto 02

O Espiritismo será o que dele fizerem os homens. Similia similibus! Ao contacto da Humanidade as mais altas verdades às vezes se desnaturam e obscurecem. Pode constituir-se uma fonte de abusos. A gota de chuva, conforme o lugar onde cai, continua sendo pérola ou se transforma em lodo. **NI**

Texto 03

[...] preferimos começar o estudo da Doutrina Espírita por esse problema objetivo: Que é o homem? Os outros catecismos, feitos por teólogos ou por filósofos, começam ordinariamente por esta questão: Que é Deus? É mais solene, porém muito menos prático. **SD**

A doutrina dos Espíritos pode resumir-se em três pontos essenciais: a natureza do ser, os seus destinos, as leis superiores do Universo. Abordá-los-emos sucessivamente.

O estudo mais necessário, para nós, é o de nós mesmos. O que, antes de tudo, nos importa saber, é o que somos. Ora, de todos era esse o problema que mais obscuro permanecia até agora. Hoje, o conhecimento da natureza íntima do homem se destaca tão perfeitamente das comunicações ditadas pelos Espíritos, como da observação direta dos fenômenos do espiritismo, e do sonambulismo. **CE**

Texto 04

Chegamos, agora, a um ponto particularmente delicado da questão. Censura-se, às vezes, aos espíritas de não viverem sempre em harmonia com seus princípios; fazem-lhes observar que neles o sensualismo, os apetites materiais, o amor pelo lucro ocupam um lugar frequentemente considerável. Censuram-nos, sobretudo, as divisões intestinas, as rivalidades de grupos e de pessoas, que são um obstáculo tão grande à organização das forças espíritas e à sua marcha adiante.

Diremos que é a insuficiência atual da noção de Deus e, ao mesmo tempo, a insuficiência dos nobres sentimentos e das elevadas aspirações que ocasionam a falta de coesão e criam as dificuldades de organização do Espiritismo. Com efeito, é preciso observar uma coisa: quando a ideia de Deus se enfraquece numa alma, a noção do “eu”, quer dizer, da personalidade, logo aumenta; ela cresce ao ponto de se tornar tirânica e absorvente. Uma dessas noções só aumenta e se fortifica em detrimento da outra. Quem não adora a Deus, disse um pensador, adora-se a si mesmo!

A ideia de Deus liga-se estreitamente à ideia de lei como a de dever e de sacrifício. A ideia de Deus liga-se a todas as noções indispensáveis à ordem, à harmonia, à elevação dos seres e das sociedades. É por isso que, quando a ideia de Deus declina, todas essas outras

noções se enfraquecem; elas se dissipam pouco a pouco, para dar lugar ao personalismo, à presunção, ao ódio a qualquer autoridade, a qualquer direção, a qualquer lei superior. E é assim que, pouco a pouco, de degrau em degrau, chega-se a esse estado social que se traduz através de uma divisa célebre, divisa que ouvimos ressoar de todas as partes: *Nem Deus, nem Senhor!*

Seja como for, os homens modernos, na grande maioria, não querem mais suportar acima deles nem Deus, nem lei, nem constrangimento; eles não querem mais compreender que a liberdade sem a sabedoria e sem a razão é impraticável. A liberdade sem a virtude leva ao desregramento, e o desregramento chega à corrupção, ao abatimento dos caracteres e das consciências, numa palavra, à anarquia. Só quando tivermos atravessado novas e mais rudes provas é que consentiremos em refletir. Então, a verdade mostrar-se-á, e a grande palavra de Voltaire se confirmará sob nossos olhos: “O ateísmo e o fanatismo são dois polos de um mundo de confusão e de horror”!

É verdade que nos falam muito de altruísmo, que se chama também amor da Humanidade, e pretende-se que esse sentimento deva ser suficiente. Mas como faremos do amor pela Humanidade uma coisa vivida, realizada, quando não se chega nem mesmo, não direi a se amar, mas apenas a se suportar uns aos outros? Para agruparem os sentimentos e as aspirações, é preciso um ideal poderoso. Pois bem! Esse ideal, vocês não o encontrarão no ser humano, terminado, limitado; vocês não o encontrarão nas coisas desse mundo, todas passageiras e transitórias. Ele só existe no Ser infinito, eterno. Só ele é bastante vasto para recolher, absorver todos os impulsos, todas as forças, todas as aspirações da alma humana, para aquecê-los e procurá-los. Esse ideal é Deus! Mas, o que é o ideal? É a perfeição. Sendo Deus a perfeição realizada é, ao mesmo tempo, o ideal real, o ideal vivo! **GE**

Texto 05

Há duas coisas na doutrina dos Espíritos: uma revelação do mundo espiritual e uma descoberta humana, isto é, de uma parte, um ensinamento universal, extraterrestre, idêntico a si mesmo nas suas partes essenciais e no seu sentido geral; da outra, uma confirmação pessoal e humana, que continua a ser feita segundo as regras da lógica, da experiência e da razão. A convicção que daí deriva fortalece-se e cada vez se torna mais rigorosa, à proporção que as comunicações aumentam em número e que, por isso mesmo, os meios de verificação se multiplicam e estendem. **PS**

Texto 06

Antes de novamente entrar em contacto com a matéria e começar nova carreira, o Espírito tem, dissemos, de escolher o meio onde vai renascer para a vida terrestre; mas essa escolha é limitada, circunscrita, determinada por causas múltiplas. Os antecedentes do ser, suas dívidas morais, suas afeições, seus méritos e deméritos, o papel que está apto para desempenhar, todos esses elementos intervêm na orientação da vida em preparo; daí a preferência por uma raça, tal nação, tal família. As almas terrestres que havemos amado atraem-nos; os laços do passado reatam-se em filiações, alianças, amizades novas. Os próprios lugares exercem sobre nós a sua misteriosa sedução e é raro que o destino não nos reconduza muitas vezes às regiões onde já vivemos, amamos, sofremos. Os ódios são forças também que nos aproximam dos nossos inimigos de outrora para apagar-nos, com melhores

relações, inimizadas antigas. Assim, tornamos a encontrar em nosso caminho a maior parte daqueles que constituíram nossa alegria ou fizeram nossos tormentos.

Sucede o mesmo com a adoção de uma classe social, com as condições de ambiente e educação, com os privilégios da fortuna ou da saúde, com as misérias da pobreza. Todas essas causas tão variadas, tão complexas, vão combinar-se para assegurar ao novo encarnado as satisfações, as vantagens ou as provações que convêm ao seu grau de evolução, aos seus méritos ou às suas faltas e às dívidas contraídas por ele.

Dito isso, compreender-se-á quão difícil é a escolha. Por isso, na maioria das vezes ela nos é inspirada pelas Inteligências diretoras, ou, então, em proveito nosso, hão de elas próprias fazê-lo, se não possuímos o discernimento necessário para adotar com toda a sabedoria e previdência os meios mais eficazes para ativarem a nossa evolução e expurgarem o nosso passado. **PS**

Texto 07

Quanto à escolha do sexo, é também a alma que, de antemão, resolve. Pode até variá-lo de uma encarnação para outra por um ato da sua vontade criadora, modificando as condições orgânicas do perispírito. Certos pensadores admitem que a alternância dos sexos seja necessária para adquirir virtudes mais especiais, dizem eles, a cada uma das metades do gênero humano; por exemplo, no homem, à vontade, a firmeza, a coragem; na mulher, a ternura, a paciência, a pureza.

Creemos, de acordo com os nossos Guias, que a mudança de sexo, sempre possível para o Espírito, é, em princípio, inútil e perigosa. Os Espíritos elevados reprovam-na. É fácil reconhecer, à primeira vista, em volta de nós, as pessoas que numa existência precedente adotaram sexo diferente; são sempre, sob algum ponto de vista, anormais. As viragos, de caráter e gostos varonis, algumas das quais apresentam ainda vestígio dos atributos do outro sexo, por exemplo, barba no mento, são, evidentemente, homens reencarnados. Elas nada têm de estético e sedutor; sucede o mesmo com os homens efeminados, que têm todos os característicos das filhas de Eva e acham-se como que transviados na vida.

Quando um Espírito se afez a um sexo, é mau para ele sair do que se tornou a sua natureza. Muitas almas, criadas aos pares, são destinadas a evoluírem juntas, unidas para sempre na alegria como na dor. Deram-lhes o nome de almas irmãs; o seu número é mais considerável do que geralmente se crê; realizam a forma mais completa, mais perfeita da vida e do sentimento e dão às outras almas o exemplo de um amor fiel, inalterável, profundo; podem ser reconhecidas por esse característico. Que seria de sua afeição, de suas relações, de seu destino, se a mudança de sexo fosse uma necessidade, uma lei? Entendemos antes que, pelo próprio fato da ascensão geral, os caracteres nobres e as altas virtudes multiplicar-se-ão nos dois sexos ao mesmo tempo; finalmente, nenhuma qualidade ficará sendo apanágio de um só dos sexos, mas atributo dos dois.

A mudança de sexo poderia ser considerada como um ato imposto pela lei de justiça e reparação num único caso, o qual se dá quando maus-tratos ou graves danos, infligidos a pessoas de um sexo, atraem para este mesmo sexo os Espíritos responsáveis, para assim sofrerem, por sua vez, os efeitos das causas a que deram origem; mas, a pena de talião não rege, como mais adiante veremos, de maneira absoluta, o mundo das almas; existem mil formas de se fazer a reparação e de se eliminarem as causas do mal. A cadeia onipotente das

causas e dos efeitos desenrola-se em mil anéis diversos. Objetar-nos-ão talvez que seria iníquo coagir metade dos Espíritos a evoluírem num sexo mais fraco e bastas vezes oprimido, humilhado, sacrificado por uma organização social ainda bárbara. Podemos responder que esse estado de coisas tende a desaparecer, de dia para dia, para dar lugar a maior soma de equidade. É pelo aperfeiçoamento moral e social e pela sólida educação da mulher que a humanidade se há de levantar.

Quanto às dores do passado, sabemos que não ficam perdidas. O Espírito que sofreu iniquidades sociais colhe, por força da lei de equilíbrio e compensação, o resultado das provações por que passou. O Espírito feminino, dizem-nos os Guias, ascende com voo mais rápido para a perfeição.

O papel da mulher é imenso na vida dos povos. Irmã, esposa ou mãe, é a grande consoladora e a carinhosa conselheira. Pelo filho é seu o porvir e prepara o homem futuro. Por isso, as sociedades que a deprimem, deprimem-se a si mesmas. A mulher respeitada, honrada, de entendimento esclarecido é que faz a família forte e a sociedade grande, moral, unida! **PS**

Texto 08

Uma dolorosa observação surpreende o pensador no ocaso da vida. Resulta também, mais pungente, das impressões sentidas em seu giro pelo espaço. Reconhece ele então que, se o ensino ministrado pelas instituições humanas, em geral – religiões, escolas, universidades –, nos faz conhecer muitas coisas supérfluas, em compensação quase nada ensina do que mais precisamos conhecer para encaminhamento da existência terrestre e preparação para o Além.

Aqueles a quem incumbe a alta missão de esclarecer e guiar a alma humana parecem ignorar a sua natureza e os seus verdadeiros destinos.

Nos meios universitários reina ainda completa incerteza sobre a solução do mais importante problema com que o homem se defronta em sua passagem pela Terra. Essa incerteza se reflete em todo o ensino. A maior parte dos professores e pedagogos afasta sistematicamente de suas lições tudo o que se refere ao problema da vida, às questões de termo e finalidade...

A mesma impotência encontramos no padre. Por suas afirmações despidas de provas, apenas consegue comunicar às almas que lhe estão confiadas uma crença que já não corresponde às regras duma crítica sã nem às exigências da razão.

Com efeito, na Universidade, assim como na Igreja, a alma moderna não encontra senão obscuridade e contradição em tudo que diz respeito ao problema de sua natureza e de seu futuro. É a esse estado de coisas que se deve atribuir, em grande parte, o mal de nossa época, a incoerência das ideias, a desordem das consciências, a anarquia moral e social.

A educação que se dá às gerações é complicada; mas, não lhes esclarece o caminho da vida; não lhes dá a têmpera necessária para as lutas da existência. O ensino clássico pode guiar no cultivo, no ornamento da inteligência; não inspira, entretanto, a ação, o amor, a dedicação. Ainda menos possibilita alcançar uma concepção da vida e do destino que desenvolva as energias profundas do “eu” e nos orientes os impulsos e os esforços para um fim elevado. Essa concepção, no entanto, é indispensável a todo ser, a toda sociedade, porque

é o sustentáculo, a consolação suprema nas horas difíceis, a origem das virtudes másculas e das altas inspirações.

É tempo de reagir e de procurar, fora da órbita oficial e das velhas crenças, novos métodos de ensino que correspondam às imperiosas necessidades da hora presente.

O Espiritualismo moderno dirige-se principalmente às almas desenvolvidas, aos espíritos livres e emancipados, que querem por si mesmos achar a solução dos grandes problemas e a fórmula do seu *Credo*. Oferece-lhes uma concepção, uma interpretação das verdades e das leis universais baseada na experiência, na razão e no ensino dos Espíritos.

Acrescentai a isso a revelação dos deveres e das responsabilidades, única condição que dá base sólida ao nosso instinto de justiça; depois, com a força moral, as satisfações do coração, a alegria de tornar a encontrar, pelo menos com o pensamento, algumas vezes até com a forma, os seres amados que julgávamos perdidos. À prova da sua sobrevivência junta-se a certeza de irmos ter com eles e com eles reviver vidas inumeráveis, vidas de ascensão, de felicidade ou de progresso.

Assim, esclarecem-se gradualmente os problemas mais obscuros, entreabre-se o Além; o lado divino dos seres e das coisas se revela. Pela força desses ensinamentos, a alma humana cedo ou tarde subirá e, das alturas a que chegar, verá que tudo se liga, que as diferentes teorias, contraditórias e hostis na aparência, não são mais do que aspectos diversos de um mesmo todo. As leis do majestoso universo resumir-se-ão para ela numa lei única, força ao mesmo tempo inteligente e consciente, modo de pensamento e ação. Por ela achar-se-ão ligados numa mesma unidade poderosa todos os mundos, todos os seres, associados numa mesma harmonia, arrastados para um mesmo fim.

Dia virá em que todos os pequenos sistemas, acanhados e envelhecidos, fundir-se-ão numa vasta síntese, abrangendo todos os reinos da ideia. Ciências, filosofias, religiões, divididas hoje, reunir-se-ão na luz e será então a vida, o esplendor do espírito, o reinado do *Conhecimento*. **PS**

Texto 09

A existência da Potência Suprema é afirmada por todos os espíritos elevados. Aqueles dentre nós que estudaram o Espiritismo filosófico sabem que todos os grandes espíritos, todos aqueles cujos ensinamentos reconfortaram nossas almas, suavizaram nossas misérias, sustentaram nossas falhas, são unânimes em afirmar, em proclamar, em reconhecer a elevada Inteligência que governa os seres e os mundos. Eles dizem que essa Inteligência se revela mais brilhante e mais sublime à medida que se sobe os degraus da vida espiritual.

Acontece o mesmo com escritores e filósofos espíritas, desde Allan Kardec até os nossos dias. Todos afirmam a existência de uma causa eterna no Universo. “*Não há efeito sem causa*”, disse Allan Kardec, “*e todo efeito inteligente tem forçosamente uma causa inteligente.*” Eis o princípio sobre o qual repousa o Espiritismo inteiro. Este princípio, quando o aplicamos às manifestações de além-túmulo, demonstra a existência dos espíritos. Aplicado ao estudo do mundo e das leis universais, demonstra a existência de uma causa inteligente no Universo. É por que a existência de Deus constitui um dos pontos essenciais do ensino espírita. Acrescento que ele é inseparável do restante desse ensino, porque, nesse último, tudo se liga, se coordena, e se encadeia. Que não nos falem de dogmas! O Espiritismo não os

comporta. Ele nada impõe; ele ensina. Todo ensino tem seus princípios. A ideia de Deus é um dos princípios fundamentais do Espiritismo.

A possibilidade que temos de compreender, de julgar, de discernir não se desenvolve em nós senão lentamente, de séculos em séculos, de existências em existências. Nosso conhecimento, nossa compreensão das coisas, completa-se e se clareia à medida que nos elevamos na escala imensa dos renascimentos. Todo o mundo sabe: aquele que está colocado ao pé da montanha não pode ver o que contempla aquele que chegou ao cume. Porém, prosseguindo sua ascensão, um chegará a ver as mesmas coisas que o outro. Acontece o mesmo com o espírito na sua ascensão gradual. O Universo só se desvenda para ele pouco a pouco, à medida que sua capacidade de compreender-lhe as leis se desenvolvem e aumentam.

Daí vêm os sistemas, as escolas filosóficas e religiosas que respondem aos diferentes graus de adiantamento dos espíritos que aí se classificam e, frequentemente, se confinam.

GE

Texto 10

Todos os trabalhos científicos efetuados há meio século nos demonstram a existência e a ação das leis naturais. Estas leis estão religadas por uma lei superior que as abarca todas, regula-as e as conduz à unidade, à ordem, à harmonia. É através dessas leis, sábias e profundas, ordenadoras e organizadoras do Universo, que a Inteligência Suprema se revela.

Certos sábios censuram, é verdade, que as leis universais são cegas. Mas como leis cegas poderiam dirigir a marcha dos mundos no Espaço, regular todos os fenômenos, todas as manifestações da vida, e isso com uma precisão admirável? Se as leis são cegas, diremos, evidentemente devem agir ao acaso. Mas o acaso é a falta de direção, a ausência de qualquer inteligência atuante. Ele é inconciliável com a noção de ordem e de harmonia.

A ideia de Lei parece-nos, pois, inseparável da ideia de Inteligência. A Lei é a manifestação de uma inteligência, porque é a obra de um pensamento. Unicamente, este pôde dispor, agenciar todas as coisas no Universo. E o pensamento não pode se produzir sem a existência de um ser que dele é o gerador. Não há lei possível fora e sem o concurso da inteligência, da vontade que a dirige. De outra forma a lei seria cega, como o dizem os materialistas, mas, então, ela iria ao acaso, à deriva. Seria, exatamente, como um homem que quisesse seguir uma estrada sem o socorro da visão e que cairia num fosso ao final de alguns passos.

Desse modo, nos é permitido afirmar que uma lei que fosse cega não seria mais uma lei. **GE**

Texto 11

Todas as grandes religiões tiveram duas faces, uma aparente, a outra, secreta. Nessa é o espírito; naquela, a forma ou a letra. Sob o símbolo material, o sentido profundo dissimula-se. O bramanismo na Índia, o hermetismo no Egito, o politeísmo grego, o próprio Cristianismo, em sua origem, apresenta esse duplo aspecto. Julgá-las pelo seu lado exterior e vulgar é julgar o valor moral de um homem pelas suas vestimentas. Para óprocura-las, é necessário penetrar no pensamento íntimo que as inspira e faz sua razão de ser; do seio dos mitos e dos dogmas, é necessário separar o princípio gerador que lhes comunica a força e a vida. Então, descobre-se a doutrina única, superior, imutável, da qual as religiões humanas

são apenas adaptações imperfeitas e transitórias, proporcionadas às necessidades dos tempos e dos meios. **DM**

Texto 12

A mais frequente objeção à existência de Deus é a que consiste em dizer: se Deus existe, se ele é, como o pretendem, Bondade, Justiça, Amor, por que o mal e o sofrimento reinam como senhores em torno de nós? Deus é bom, e milhões de pobres seres sofrem em sua alma e em sua carne. Tudo é dor e dilaceração na vida das multidões. A iniquidade é soberana em nosso globo, e a luta ardente pela existência nele faz, a cada dia, vítimas sem-número.

Assim como o demonstramos em outra parte, o sofrimento é um poderoso meio de educação para as almas. Ele desenvolve a sensibilidade, que já é, por si mesma, um acréscimo de vida. Às vezes, ele é uma das formas de vida, um corretivo para os nossos atos anteriores ou longínquos.

O mal é apenas a consequência da imperfeição humana. Se Deus tivesse feito seres perfeitos, o mal não existiria. Mas, então, o Universo seria congelado, imobilizado na sua monótona perfeição. A magnífica ascensão das almas através do Infinito seria suprimida, de imediato. Nada mais a conquistar; nada mais a desejar! Ora, o que seria uma perfeição sem-meritos, sem-esforços para obtê-la? Teria um preço qualquer apenas aos nossos olhos?

Em resumo, o mal é apenas o Menos evoluindo para o Mais, o inferior para o superior, a alma para Deus.

Deus nos fez livres: daí, o mal, fase transitória de nossa ascensão. A liberdade é a condição necessária da variedade na unidade universal. Sem ela, a monotonia teria feito um Universo insuportável. Deus nos deu a liberdade com essa impulsão da vida inicial pela qual o ser evoluirá, pelo seu próprio esforço, através dos Espaços e dos tempos sem-limites, na escala das vidas sucessivas, na superfície dos mundos que povoam a imensidão.

Emanamos de Deus como nossos pensamentos emanam do nosso espírito, sem procurá-lo, sem diminuí-lo. Livres e responsáveis, nós nos tornamos senhores e artesãos de nossos destinos. Mas, para desenvolver os germens e as forças que estão em nós, a luta é necessária, a luta contra a matéria, contra as paixões, contra tudo o que chamamos o mal. Essa luta é dolorosa e os fracassos são numerosos. Entretanto, pouco a pouco, adquire-se a experiência, a vontade se tempera, o bem se desliga do mal. Chega uma hora em que a alma triunfa das influências inferiores, redime-se e se eleva pela expiação e a purificação, até a vida bem-aventurada. Então, ela compreende, admira a sabedoria e a providência de Deus, que, fazendo dela o árbitro de seus próprios destinos, dispôs todas as coisas de maneira a destacar a maior soma de felicidade final para cada um de nós. **GE**

Texto 13

Pode-se levar mais além do que fizemos a definição de Deus? Definir é limitar. Em face desse grande problema, a humana fraqueza aparece. Deus se impõe ao nosso espírito, mas escapa a qualquer análise. O Ser que preenche o tempo e o Espaço não será jamais medido por seres que o tempo e o Espaço limitam. Querer definir Deus, seria procurar vê-lo e quase negá-lo.

As causas secundárias da vida universal se explicam, mas a causa primária permanece intocável na sua imensidade. Só chegaremos a compreendê-la depois de ter atravessado muitas vezes a morte.

Tudo o que podemos dizer para resumir é que Deus é a vida, a razão, a consciência, na sua plenitude. Ele é a causa eternamente ativa de tudo o que é, a comunhão universal onde cada ser vem haurir a existência para, em seguida, concorrer, na medida das suas faculdades crescentes e de sua elevação, à harmonia do conjunto. **DM**

Texto 14

A ideia que os homens fazem da verdade se modifica e se amplia com os tempos. É por isso que as religiões, que são manifestações temporárias, vistas parciais da eterna verdade, devem transformar-se, já que fizeram sua obra e não respondem mais aos progressos e às necessidades da Humanidade. À medida que esta avança no seu caminho, é-lhe necessário novas concepções, um ideal mais elevado, e ela as encontra nas descobertas da Ciência e nas intuições engrandecedoras do pensamento.

Chegamos a um momento da História em que as religiões envelhecidas abatem-se nas suas bases, em que uma renovação filosófica e social se prepara. O progresso material e intelectual chama o progresso moral. Um mundo de inspirações agita-se nas profundezas das almas, esforça-se para tomar forma e nascer na vida. O sentimento e a razão, essas duas grandes forças, imperecíveis como o espírito humano, do qual elas são os atributos, forças até aqui hostis e que perturbaram a sociedade nos seus conflitos, tendem, afinal, a se aproximar. A religião deve perder seu caráter dogmático e sacerdotal para tornar-se científica; a Ciência desligar-se-á dos baixios materialistas para esclarecer-se com um raio divino. Uma doutrina vai surgir, idealista nas suas tendências, positiva e experimental no seu método, apoiada nos fatos indelévels. Sistemas opostos na aparência, filosofias contraditórias e inimigas, o espiritualismo e o naturalismo, por exemplo, nela encontrarão um terreno de reconciliação. Síntese poderosa, ela abraçará e religará todas as concepções variadas do mundo e da vida, raios rompidos, faces diversas da verdade.

Isso será a ressurreição, sob a forma mais completa, tornada acessível a todos, da doutrina secreta que conheceu o passado, o advento da religião natural, que renascerá simples e pura. A religião passará pelos atos, pelo desejo ardente do bem; o holocausto será o sacrifício das nossas paixões, o aperfeiçoamento do espírito humano. Assim será a religião superior, definitiva, universal, no seio da qual se fundirão, como rios no oceano, todas as religiões passageiras, contraditórias, causas muito frequentes de divisão e de discórdias para a Humanidade. **DM**

Texto 15

Os materialistas, na sua negação da existência da alma, frequentemente argumentaram sobre a dificuldade de conceber um ser privado de forma. Os próprios espiritualistas não explicavam como a alma, imaterial, imponderável, poderia unir-se, estreitamente, e comandar o corpo material, de natureza essencialmente diferente. Essas dificuldades encontraram sua solução nas experiências do Espiritismo.

Assim como dissemos precedentemente, durante a vida corporal como após a morte, a alma está constantemente revestida de um invólucro fluídico, mais ou menos sutil ou

etéreo, que Allan Kardec chamou de *perispírito*, ou corpo espiritual. O perispírito serve de laço entre o corpo e a alma; transmite-lhe as impressões dos sentidos e comunica ao corpo as vontades do espírito. No momento da morte, desprende-se da matéria tangível, abandona o corpo às decomposições do túmulo, mas, inseparável da alma, conserva a forma exterior de sua personalidade.

O perispírito é, pois, um organismo fluídico; é a forma preexistente e sobrevivente do ser humano, o *substratum* sobre o qual modela-se o envoltório carnal, como uma veste invisível, formada de uma matéria quintessenciada, que atravessa todos os corpos, por mais impenetráveis que nos pareçam.

A matéria grosseira, incessantemente renovada pela circulação vital, não é a parte estável e permanente do homem. É o perispírito que assegura a manutenção da estrutura humana e dos traços da fisionomia, e isso, em todas as épocas da vida, do nascimento até a morte. Faz, assim, o papel de um molde compressível e expansível, sobre o qual a matéria terrestre incorpora-se.

Esse corpo fluídico não é, todavia, imutável; depura-se e se enobrece com a alma; segue-a através das suas encarnações incontáveis; sobe com ela os degraus da escada hierárquica, torna-se cada vez mais diáfano e brilhante, para resplandecer, um dia, essa luz da qual falam as Bíblias antigas e os testemunhos da História referentes a algumas aparições.

O perispírito conserva todas as aquisições do ser vivo. É no cérebro desse corpo espiritualizado que os conhecimentos se armazenam e se imprimem em linhas fosforescentes e sobre ele é que se modela e se forma o cérebro da criança, na reencarnação. Assim, o bem intelectual e moral do espírito, longe de se perder, capitaliza-se e se engrandece com suas existências. Daí, as aptidões extraordinárias que trazem, ao nascer, alguns seres precoces, particularmente dotados.

A elevação dos sentimentos, a pureza da vida, os impulsos para o bem e o ideal, as provas e os sofrimentos pacientemente suportados, depuram cada vez mais o perispírito, estendendo, multiplicando as vibrações. Como uma ação química, eles consomem as partículas grosseiras e deixam subsistir apenas as mais sutis, as mais delicadas.

Por um efeito inverso, os apetites materiais, as paixões baixas e vulgares reagem sobre o perispírito, entorpecem-no, tornam-no mais denso e mais obscuro. A atração dos globos inferiores, como a Terra, exerce-se com força sobre esses organismos, que conservam, em parte, as necessidades do corpo e não podem satisfazê-las. As encarnações dos espíritos que estão carregados delas sucedem-se rapidamente, até que o progresso através do sofrimento venha atenuar suas paixões, subtraí-las às influências terrestres e abrir-lhes o acesso a mundos melhores.

Uma correlação estreita religa os três elementos constitutivos do ser. Quanto mais elevado é o espírito, mais sutil é o perispírito, leve, brilhante, mais o corpo está isento de paixões, moderado nos seus apetites e seus desejos. A nobreza e a dignidade da alma recaem sobre o perispírito, que elas tornam mais harmonioso de formas e mais etéreo; recaem até sobre o próprio corpo; a face, então, ilumina-se com o reflexo de uma flama interior.

É através dos fluidos mais ou menos sutis que o perispírito se comunica com a alma e se religa ao corpo. Esses fluidos, embora invisíveis, são vínculos poderosos que o acorrentam à matéria, do nascimento até a morte, e mesmo, para os sensuais, até a dissolução do organismo. A agonia representa para nós a soma de esforços realizados pelo perispírito para desligar-se dos seus laços carnis.

O fluido vital, do qual o perispírito é a fonte, representa um papel considerável na economia. Sua existência, seu modo de ação podem explicar muitos problemas patológicos. Ao mesmo tempo agente de transmissão das sensações externas e impressões íntimas é comparável ao fio telegráfico, que percorre uma corrente dupla. **DM**

Texto 16

A alma é, como nos demonstraram os ensinamentos precedentes, uma emanção, uma partícula do Absoluto. Suas vidas têm por objetivo a manifestação cada vez mais grandiosa do que nela há de divino, o aumento do domínio que está destinado a exercer dentro e fora de si, por meio de seus sentidos e energias latentes.

Pode-se alcançar esse resultado por processos diferentes, pela Ciência ou pela meditação, pelo trabalho ou pelo exercício moral. O melhor processo consiste em utilizar todos esses modos de aplicação, em completá-los uns pelos outros; o mais eficaz, porém, de todos, é o exame íntimo, a introspecção. Acrescentemos o desapego das coisas materiais, a firme vontade de melhorar a nossa união com Deus em espírito e verdade, e veremos que toda religião verdadeira, toda filosofia profunda aí vai buscar sua origem e nessas fórmulas se resume. O resto, doutrinas culturais, ritos e práticas não são mais do que o vestuário externo que encobre, aos olhos das turbas, a alma das religiões.

Victor Hugo escrevia: “É dentro de nós que devemos olhar o exterior... Inclinando-nos sobre esse poço, o nosso espírito, avistamos, a uma distância de abismo, em estreito círculo, o mundo imenso.”

Dizia também Emerson: “A alma é superior ao que se pode saber dela e mais sábia do que qualquer uma de suas obras”.

As profundezas da alma ligam-na à grande Alma universal e eterna, de que ela é uma como vibração. Essa origem e essa participação da natureza divina explicam as necessidades irresistíveis do Espírito em evolução adiantada: necessidade de infinito, de justiça, de luz; necessidade de sondar todos os mistérios, de estancar a sede nos mananciais vivos e inexauríveis cuja existência ele pressente, mas que não consegue descobrir no plano de suas vidas terrestres.

Daí provêm nossas mais altas aspirações, nosso desejo de saber, jamais satisfeito, nosso sentimento do belo e do bem; daí os clarões repentinos que iluminam de tempos em tempos as trevas da existência e os pressentimentos, a previsão do futuro, relâmpagos fugitivos no abismo do tempo, que luzem às vezes para certas inteligências. Sob a superfície do “eu”, superfície agitada pelos desejos, esperanças e temores, está o santuário que encerra a consciência integral, calma, pacífica, serena, o princípio da sabedoria e da razão, de que a maior parte dos homens só tem conhecimento por surdas impulsões ou vagos reflexos entrevistos.

Todo o segredo da felicidade, da perfeição, está na identificação, na fusão em nós desses dois planos ou focos psíquicos; a causa de todos os nossos males, de todas as nossas misérias morais está na sua oposição. **PS**

Texto 17

Os seres vivos, eles também, emitem irradiações de naturezas diferentes. Eflúvios humanos, variando de forma e de intensidade sob a ação da vontade, impregnam as chapas

com sua luz misteriosa. Esses influxos, ora nervosos, ora psíquicos, conhecidos há muito tempo pelos magnetizadores e pelos espíritas, mas negados pela Ciência, os fisiologistas, hoje, constataam a realidade deles de uma maneira irrecusável. Daí, encontrou-se o princípio da telepatia. As volições do pensamento, as projeções da vontade se transmitem através do Espaço, como as vibrações do som e as ondulações da luz, e vão impregnar organismos simpáticos ao do manifestante. As almas afins pelo pensamento e pelo sentimento podem trocar seus eflúvios, a qualquer distância, da mesma forma que os astros trocam, através dos abismos do Espaço, seus raios trêmulos. Descobrimos ainda aí o segredo das simpatias ardentes ou das repulsões invencíveis que certos homens experimentam uns pelos outros, à primeira vista. **GE**

Texto 18

Cada alma é irradiação da grande alma universal, uma centelha emanada do foco eterno. Nós, porém, ignoramos a nós mesmos, e esta ignorância é a causa de nossa fraqueza e de todos os nossos males.

A obra que a cada um de nós cabe realizar resume-se em três palavras: saber, crer, querer; quer dizer: saber que temos em nós recursos incalculáveis; crer na eficácia de nossa ação sobre os dois mundos, o da matéria e o do espírito; querer o bem dirigindo nossos pensamentos para o que é belo e grande, conformando nossas ações às leis eternas do trabalho, da justiça e do amor.

Saídas de Deus, todas as almas são irmãs; todos os filhos da raça humana estão unidos através de laços estreitos de fraternidade e solidariedade. Assim, os progressos de um de nós são sentidos por todos, assim como o rebaixamento de um único afeta o conjunto.

Quando o homem chegou ao conhecimento de sua verdadeira natureza e de sua unidade com Deus, quando essa noção entrou em sua razão e no seu coração, ele se elevou até a verdade suprema; ele domina do Alto as vicissitudes terrestres; encontrou a força que “soergue as montanhas”, que o torna vencedor na luta contra as paixões, faz menosprezar as decepções e a morte. Ele efetuou o que o vulgo chama prodígios. Pela sua vontade, pela sua fé, ele submete, governa a substância; ele rompe as fatalidades da matéria; torna-se quase um deus para os outros homens. Vários, em suas passagens neste mundo, chegaram a essas elevações de vistas; apenas o Cristo disso compenetrou-se, ao ponto de ousar dizer à face de todos:

“Eu e meu Pai somos um; ele está em mim e eu estou nele”. Essas palavras não se aplicavam, todavia, apenas a ele; elas são verdadeiras para a Humanidade inteira. O Cristo sabia que todo homem deve chegar à compreensão de sua natureza íntima, e é nesse sentido que ele dizia aos seus discípulos: “Vós sois todos deuses”. Ele poderia ter acrescentado: deuses em processo! **GE**

Texto 19

Nessa laboriosa e penosa evolução que arrasta os seres, há um fato consolador sobre o qual é bom insistir: é que em todos os graus de sua ascensão, a alma é atraída, auxiliada, socorrida pelas Entidades Superiores. Todos os espíritos em marcha são ajudados pelos seus irmãos mais adiantados e devem auxiliar, por sua vez, aqueles que estão colocados abaixo deles.

O homem, espírito encarnado, esquecera seu verdadeiro papel. Sepultado na matéria, ele perdia de vista os grandes horizontes de seu destino; ele desdenhava os meios de desenvolver seus recursos latentes, de se tornar mais feliz, tornando-se melhor. A nova revelação vem lembrar-lhe todas essas coisas. Ela vem sacudir as almas adormecidas, estimular sua marcha, provocar sua elevação. Ela clareia os recantos obscuros de nosso ser, nos fala de nossas origens e de nossos fins, explica-nos o passado pelo presente e nos abre um porvir que estamos livres para fazer grande ou miserável, conforme nossos atos.

A alma humana não pode, realmente, progredir senão na vida coletiva, trabalhando em proveito de todos. Uma das consequências dessa solidariedade que nos liga, é que a visão dos sofrimentos de uns perturba e altera a serenidade dos outros.

Também é a preocupação constante dos espíritos elevados, de ir levar às regiões sombrias, às almas atrasadas nos caminhos da paixão e do erro, as irradiações do seu pensamento e os impulsos de seu amor. Nenhuma alma pode se perder; se todas sofreram, todas serão salvas. No meio de suas provações dolorosas, a piedade e a afeição de suas irmãs as abraçam e as arrastam para Deus.

Como compreender, com efeito, que os espíritos radiosos possam esquecer aqueles que amaram outrora, aqueles que partilharam suas alegrias, seus cuidados e ainda sofrem nas sendas terrestres? O lamento daqueles que sofrem, daqueles que o destino ainda arrasta para os mundos atrasados, chega até eles e suscita sua compaixão generosa. Quando um desses apelos atravessa o Espaço, eles deixam as moradas etéreas para derramar os tesouros de sua caridade nos campos dos mundos materiais. Como as vibrações da luz, os impulsos de seu amor se propagam na imensidão, levando a consolação aos corações entristecidos, derramando sobre as chagas humanas o bálsamo da esperança.

Às vezes, também, durante o sono, as almas terrestres, atraídas pelas suas irmãs mais velhas, lançam-se com força para as alturas do Espaço para impregnar-se dos fluidos vivificantes da pátria eterna. Ali, espíritos amigos as cercam, as exortam, as reconfortam, acalmam suas angústias; depois, apagando pouco a pouco a luz em torno de si, a fim de que as recordações pungentes da separação não as oprimam, eles as reconduzem às fronteiras dos mundos inferiores. Seu despertar é melancólico, porém suave; e, embora esquecidas de sua estada passageira nas regiões elevadas, elas se sentem reconfortadas e retomam mais alegremente as cargas de sua existência neste mundo. **GE**

Texto 20

A prece é a expressão mais elevada dessa comunhão das almas. Considerada sob esse aspecto, ela perde toda a analogia com as fórmulas banais, os recitativos monótonos em uso, para se tornar um impulso do coração, um ato da vontade pelo qual o espírito desvencilha-se das servidões da matéria, das vulgaridades terrestres para penetrar nas leis, nos mistérios da Potência Infinita e a ela se submete em todas as coisas:

“Pedi e recebereis”! Tomada neste sentido, a prece é o ato mais importante da vida; é a aspiração ardente do ser humano que sente sua pequenez e sua miséria, e procura, nem que seja por um instante, colocar as vibrações do seu pensamento em harmonia com a eterna sinfonia. É a obra da meditação que, no recolhimento e no silêncio, eleva a alma até essas alturas celestes onde ela se acresce de forças, impregna-se das irradiações da luz e do amor

divinos. Mas quão poucos sabem orar! As religiões nos fizeram desaprender a prece, transformando-a em exercício ocioso, às vezes, ridículo.

Sob a influência do Novo Espiritualismo, a prece tornar-se-á mais nobre e mais digna; será feita com mais respeito para com a Potência Suprema, com mais fé, confiança e sinceridade, num completo desligamento das coisas materiais. Todas as nossas ansiedades e as nossas incertezas cessarão quando tivermos compreendido que a vida é uma comunhão universal, e que Deus e todos os seus filhos vivem essa vida em conjunto.

A prece, é verdade, nada pode modificar nas leis imutáveis, ela não poderia, de forma alguma, modificar nossos destinos; seu papel é o de nos proporcionar socorros e luzes que nos tornem mais fácil a execução de nossa tarefa terrestre. A prece fervorosa escancara as portas da alma e, através dessas aberturas, os raios de força, as irradiações do foco eterno penetram em nós e nos vivificam.

Trabalhar com um sentimento elevado, perseguindo um objetivo útil e generoso, ainda é orar. O trabalho é a prece ativa desses milhões de homens que lutam e penam na Terra, em proveito da Humanidade.

A vida do homem de bem é uma prece contínua, uma comunhão perpétua com seus semelhantes e com Deus. Ele não precisa mais de palavras nem de formas exteriores para exprimir sua fé: ela se exprime através de todos os seus atos e de todos os seus pensamentos. Ele respira, ele se movimenta sem esforço, numa atmosfera fluídica pura, cheio de ternura para com os infelizes, cheio de bem querer para com toda a Humanidade. Esta comunhão constante torna-se para ele uma necessidade, uma segunda natureza. É graças a ela que todos os espíritos eleitos se mantêm nas alturas sublimes da inspiração e do gênio. **GE**

Texto 21

O pensamento, dizíamos, é criador. Não atua somente em torno de nós, influenciando nossos semelhantes para o bem ou para o mal; atua principalmente em nós; gera nossas palavras, nossas ações e, com ele, construímos, dia a dia, o edifício grandioso ou miserável de nossa vida presente e futura. Modelamos nossa alma e seu invólucro com os nossos pensamentos; estes produzem formas, imagens que se imprimem na matéria sutil, de que o corpo fluídico é composto. Assim, pouco a pouco, nosso ser povoa-se de formas frívolas ou austeras, graciosas ou terríveis, grosseiras ou sublimes; a alma se enobrece, embeleza ou cria uma atmosfera de fealdade. Segundo o ideal a que visa, a chama interior aviva-se ou obscurece-se.

Não há assunto mais importante que o estudo do pensamento, seus poderes e sua ação. É a causa inicial de nossa elevação ou de nosso rebaixamento; prepara todas as descobertas da Ciência, todas as maravilhas da Arte, mas também todas as misérias e todas as vergonhas da humanidade. Segundo o impulso dado, funda ou destrói as instituições como os impérios, os caracteres como as consciências. O homem só é grande, só tem valor pelo seu pensamento; por ele suas obras irradiam e se perpetuam através dos séculos. O Espiritualismo experimental, muito melhor que as doutrinas anteriores, permite-nos perceber, compreender toda a força de projeção do pensamento, que é o princípio da comunhão universal. Vemo-lo agir no fenômeno espírita, que facilita ou dificulta; seu papel nas sessões de experimentação é sempre considerável. A telepatia demonstrou-nos que as almas podem impressionar-se, influenciar-se a todas as distâncias; é o meio de que se servem

as humanidades do espaço para comunicarem entre si através das imensidades siderais. Em qualquer campo das atividades sociais, em todos os domínios do mundo visível ou invisível, a ação do pensamento é soberana; não é menor sua ação, repetimos, em nós mesmos, modificando constantemente nossa natureza íntima.

As vibrações de nossos pensamentos, de nossas palavras, renovando-se em sentido uniforme, expulsam de nosso invólucro os elementos que não podem vibrar em harmonia com elas; atraem elementos similares que acentua as tendências do ser. Uma obra, muitas vezes inconsciente, elabora-se; mil obreiros misteriosos trabalham na sombra; nas profundezas da alma esboça-se um destino inteiro; em sua ganga o diamante purifica-se ou perde o brilho.

Se meditarmos em assuntos elevados, na sabedoria, no dever, no sacrifício, nosso ser impregna-se, pouco a pouco, das qualidades de nosso pensamento. É por isso que a prece improvisada, ardente, o impulso da alma para as potências infinitas, tem tanta virtude. Nesse diálogo solene do ser com sua causa, o influxo do Alto invade-nos e desperta sentidos novos. A compreensão, a consciência da vida aumenta e sentimos, melhor do que se pode exprimir, a gravidade e a grandeza da mais humilde das existências. A oração, a comunhão pelo pensamento com o universo espiritual e divino é o esforço da alma para a beleza e para a verdade eternas; é a entrada, por um instante, nas esferas da vida real e superior, aquela que não tem termo.

Se, ao contrário, nosso pensamento é inspirado por maus desejos, pela paixão, pelo ciúme, pelo ódio, as imagens que cria sucedem-se, acumulam-se em nosso corpo fluídico e o entenebrece. Assim, podemos à vontade fazer em nós a luz ou a sombra, o que afirmam tantas comunicações de além-túmulo. Somos o que pensamos, com a condição de pensarmos com força, vontade e persistência. Mas, quase sempre, nossos pensamentos passam constantemente de um a outro assunto. Pensamos raras vezes por nós mesmos, refletimos os mil pensamentos incoerentes do meio em que vivemos. Poucos homens sabem viver do próprio pensamento, beber nas fontes profundas, nesse grande reservatório de inspiração que cada um traz consigo, mas que a maior parte ignora. Por isso criam um invólucro povoado das mais disparatadas formas. Seu Espírito é como uma habitação franca a todos os que passam. Os raios do bem e as sombras do mal lá se confundem, num caos perpétuo. É o combate incessante da paixão e do dever, em que, quase sempre, a paixão sai vitoriosa. Antes de tudo, é preciso aprender a fiscalizar os pensamentos, a discipliná-los, a imprimir-lhes uma direção determinada, um fim nobre e digno.

A fiscalização dos pensamentos implica a fiscalização dos atos, porque, se uns são bons, os outros sê-lo-ão igualmente, e todo o nosso procedimento achar-se-á regulado por uma concatenação harmônica. Todavia, se nossos atos são bons e nossos pensamentos maus, apenas haverá uma falsa aparência do bem e continuaremos a trazer em nós um foco malfazejo, cujas influências, mais cedo ou mais tarde, derramar-se-ão fatalmente sobre nossa vida.

Às vezes observamos uma contradição surpreendente entre os pensamentos, os escritos e as ações de certos homens, e somos levados, por essa mesma contradição, a duvidar de sua boa-fé, de sua sinceridade. Muitas vezes não há mais do que uma interpretação errônea de nossa parte. Os atos desses homens resultam do impulso surdo dos pensamentos e das forças que eles acumularam em si no passado. Suas aspirações atuais, mais elevadas, seus pensamentos mais generosos traduzir-se-ão em atos no futuro. Assim, tudo se combina e

explica quando se consideram as coisas do largo ponto de vista da evolução; ao passo que tudo fica obscuro, incompreensível, contraditório, com a teoria de uma vida única para cada um de nós. **PS**

Texto 22

É bom viver em contato pelo pensamento com os escritores de gênio, com os autores verdadeiramente grandes de todos os tempos e países, lendo, meditando suas obras, impregnando todo o nosso ser da substância de sua alma. As radiações de seus pensamentos despertarão em nós efeitos semelhantes e produzirão, com o tempo, modificações de nosso caráter pela própria natureza das impressões sentidas.

É necessário escolhermos com cuidado nossas leituras, depois amadurecê-las e assimilar-lhes a quintessência. Em geral lê-se demais, lê-se depressa e não se medita. Seria preferível ler menos e refletir mais no que se leu. É um meio seguro de fortalecer nossa inteligência, de colher os frutos de sabedoria e beleza que podem conter nossas leituras. Nisso, como em todas as coisas, o belo atrai e gera o belo, do mesmo modo que a bondade atrai a felicidade, como o mal atrai o sofrimento.

O estudo silencioso e recolhido é sempre fecundo para o desenvolvimento do pensamento. É no silêncio que se elaboram as grandes obras. A palavra é brilhante, mas degenera demasiadas vezes em conversas estereis, às vezes malélicas; com isso, o pensamento se enfraquece e a alma esvazia-se. Ao passo que na meditação o Espírito se concentra, volta-se para o lado grave e solene das coisas; a luz do mundo espiritual banha-o com suas ondas. Há em volta do pensador grandes seres invisíveis que só querem inspirá-lo; é à meia-luz das horas tranquilas ou então à claridade discreta da lâmpada de trabalho que melhor podem entrar em comunhão com ele. Em toda parte e sempre uma vida oculta mistura-se com a nossa. Evitemos as discussões ruidosas, as palavras vãs, as leituras frívolas. Sejamos sóbrios em relação aos jornais, pois a sua leitura, fazendo-nos passar continuamente de um assunto para outro, torna o Espírito ainda mais instável. Vivemos numa época de anemia intelectual, que é causada pela raridade dos estudos sérios, pela procura abusiva da palavra pela palavra, da forma enfeitada e oca, e, principalmente, pela insuficiência dos educadores da mocidade. Apliquemo-nos a obras mais substanciais, a tudo o que pode esclarecer-nos a respeito das leis profundas da vida e facilitar nossa evolução. Pouco a pouco, edificar-se-ão em nós uma inteligência e uma consciência mais fortes e nosso corpo fluídico iluminar-se-á com os reflexos de um pensamento elevado e puro. **PS**

Texto 23

Não há progresso possível sem observação atenta de nós mesmos. É necessário vigiar todos os nossos atos impulsivos para chegarmos a saber em que sentido devemos dirigir nossos esforços para nos aperfeiçoarmos. Primeiramente, regular a vida física, reduzir as exigências materiais ao necessário, a fim de garantir a saúde do corpo, instrumento indispensável para o desempenho de nosso papel terrestre; em seguida, disciplinar as impressões, as emoções, exercitando-nos em dominá-las, em utilizá-las como agentes de nosso aperfeiçoamento moral; aprender principalmente a esquecer, a fazer o sacrifício do “eu”, a desprender-nos de todo o sentimento de egoísmo. A verdadeira felicidade neste mundo está na proporção do esquecimento próprio.

Não basta crer e saber, é necessário viver nossa crença, isto é, fazer penetrar na prática diária da vida os princípios superiores que adotamos; é necessário habituarmo-nos a comungar pelo pensamento e pelo coração com os Espíritos eminentes que foram os reveladores, com todas as almas de escol que serviram de guias à humanidade, viver com eles numa intimidade cotidiana, inspirarmo-nos em suas vistas e sentir sua influência pela percepção íntima que nossas relações com o mundo invisível desenvolvem.

Entre essas grandes almas é bom escolher uma como exemplo, a mais digna de nossa admiração e, em todas as circunstâncias difíceis, em todos os casos em que nossa consciência oscila entre dois partidos a tomar, inquirirmos o que ela teria resolvido e procedermos no mesmo sentido.

Assim, pouco a pouco iremos construindo, de acordo com esse modelo, um ideal moral que se refletirá em todos os nossos atos. Todo homem, na humilde realidade de cada dia, pode ir modelando uma consciência sublime. A obra é vagarosa e difícil, mas para isso são-nos dados os séculos.

Concentremos, pois, muitas vezes nossos pensamentos, para dirigi-los, pela vontade, em direção ao ideal sonhado. Meditemos nele todos os dias, à hora certa, de preferência pela manhã, quando tudo está sossegado e repousa ainda à nossa volta, nesse momento a que o poeta chama “a hora divina”, quando a Natureza, fresca e descansada, acorda para as claridades do dia.

Nas horas matinais, a alma, pela oração e pela meditação, eleva-se com mais fácil impulso até às alturas donde se vê e compreende que tudo – a vida, os atos, os pensamentos – está ligado a alguma coisa grande e eterna e que habitamos um mundo em que potências invisíveis vivem e trabalham conosco. Na vida mais simples, na tarefa mais modesta, na existência mais apagada, mostram-se, então, faces profundas, uma reserva de ideal, fontes possíveis de beleza. Cada alma pode criar com seus pensamentos uma atmosfera espiritual tão bela, tão resplandecente, como nas paisagens mais encantadoras; e na morada mais mesquinha, no mais miserável tugúrio, há frestas para Deus e para o infinito! **PS**

Texto 24

Em todas as nossas relações sociais, em nossas relações com os nossos semelhantes, é preciso lembrarmo-nos constantemente de que os homens são viajantes em marcha, ocupando pontos diversos na escala da evolução pela qual todos subimos. Por conseguinte, nada devemos exigir, nada devemos esperar deles que não esteja em relação com seu grau de adiantamento.

A todos devemos tolerância, benevolência e até perdão; porque se nos causam prejuízo, se escarnecem de nós e nos ofendem, é quase sempre pela falta de compreensão e de saber, resultantes de desenvolvimento insuficiente. Deus não pede aos homens senão o que eles têm podido adquirir à custa de lentos e penosos trabalhos. Não temos o direito de exigir mais. Não fomos semelhantes aos mais atrasados deles? Se cada um de nós pudesse ler em seu passado o que foi, o que fez, quanto não seria maior nossa indulgência para com as faltas alheias! Às vezes, também nós carecemos da mesma indulgência que lhes devemos. Sejam severos conosco e tolerantes com os outros. Instruamo-los, esclareçamo-los, guiemo-los com doçura, é o que a lei de solidariedade nos preceitua.

Enfim, é preciso saber suportar todas as coisas com paciência e serenidade. Seja qual for o procedimento de nossos semelhantes para conosco, não devemos conceber nenhuma animosidade ou ressentimento; mas, ao contrário, saibamos fazer reverter em benefício de nossa própria educação moral todas as causas de aborrecimento e aflição. Nenhum revés poderia atingir-nos, se, por nossas vidas anteriores e culpadas, não tivéssemos dado margem à adversidade. É isso o que muitas vezes se deve repetir. Chegaremos, assim, a aceitar todas as provações sem amargura, considerando-as como reparação do passado ou como meio de aperfeiçoamento.

De grau em grau chegaremos, assim, ao sossego de espírito, à posse de nós mesmos, à confiança absoluta no futuro, que dão a força, a quietação, a satisfação íntima, permitindo-nos permanecer firmes no meio das mais duras vicissitudes. Quando chega a idade, as ilusões e as esperanças vãs caem como folhas mortas; mas as altas verdades aparecem com mais brilho, como as estrelas no céu de inverno através dos ramos nus de nossos jardins.

Pouco importa, então, que o destino não nos tenha oferecido nenhuma glória, nenhum raio de alegria, se tiver enriquecido nossa alma com mais uma virtude, com alguma beleza moral. As vidas obscuras e atormentadas são, às vezes, as mais fecundas, ao passo que as vidas suntuosas nos prendem, bastas vezes e por muito tempo, na corrente formidável de nossas responsabilidades.

A felicidade não está nas coisas externas nem nos acasos do exterior, mas somente em nós mesmos, na vida interna que soubermos criar. Que importa que o céu esteja escuro por cima de nossas cabeças e os homens sejam ruins em volta de nós, se tivermos a luz na frente, alegria do bem e a liberdade moral no coração? Se, porém, eu tiver vergonha de mim mesmo, se o mal tiver invadido meu pensamento, se o crime e a traição habitarem em mim, todos os favores e todas as felicidades da Terra não me restituirão a paz silenciosa e a alegria da consciência. O sábio cria, desde este mundo, para si mesmo, um refúgio seguro, um lugar sagrado, um retiro profundo aonde não chegam as discórdias e as contrariedades do exterior. Do mesmo modo, na vida do espaço a sanção do dever e a realização da justiça são de ordem inteiramente íntima; cada alma traz em si sua claridade ou sua sombra, seu paraíso ou seu inferno. Mas, lembremo-nos de que nada há irreparável; a situação atual do Espírito inferior não é mais que um ponto quase imperceptível na imensidade de seus destinos. **PS**

Texto 25

É através da educação que as gerações se transformam e se aperfeiçoam. Para se ter uma sociedade nova é preciso homens novos. Por isso, a educação, desde a infância, é de uma importância capital.

Não basta ensinar à criança os elementos da Ciência. Tão essencial quanto saber ler, escrever, calcular, é ensinar a governar-se, a conduzir-se como ser racional e consciente; é entrar na vida, armado não apenas para a luta material, mas sobretudo para a luta moral. Ora, é com isso que menos se ocupa. Presta-se mais atenção em desenvolver as faculdades e os lados brilhantes da criança, não, porém, suas virtudes. Na escola, como na família, negligencia-se muito em esclarecê-la sobre seus deveres e sobre seu destino. Assim, desprovida de princípios elevados, ignorando o objetivo da vida, no dia em que entra na vida pública, entrega-se a todas as armadilhas, a todos os arrastamentos da paixão, num meio sensual e corrompido.

Mesmo no ensino secundário, aplica-se em atulhar o cérebro dos estudantes com um amontoado indigesto de noções e fatos, de datas e de nomes, o todo em detrimento do ensino moral. A moral da escola, desprovida de sanção efetiva, sem-objetivo de ordem universal, não passa de uma moral estéril, incapaz de reformar a sociedade.

Pueril, também, é a educação dada pelos estabelecimentos religiosos, onde a criança torna-se presa do fanatismo e da superstição e só adquire ideias falsas sobre a vida presente e a do Além.

Uma boa educação moral, raramente, é obra de um mestre. Para despertar na criança as primeiras aspirações pelo bem, para corrigir um caráter difícil é preciso ter, ao mesmo tempo, perseverança, firmeza, uma ternura da qual só o coração de um pai ou de uma mãe é suscetível. Se os pais não conseguem corrigir seus filhos, como aquele que conduz muitas crianças poderia fazê-lo?

Essa tarefa não é tão difícil como se poderia imaginar. Ela não exige uma ciência profunda. Pequenos e grandes podem procurá-la, se estiverem compenetrados do objetivo e das consequências da educação. É preciso lembrar sempre de uma coisa, é que esses espíritos vieram até nós para que os ajudemos a vencer seus defeitos e os preparemos para os deveres da vida. Aceitamos com o casamento a missão de dirigi-los; cumpramo-la com amor, mas um amor isento de fraqueza, pois a afeição desmedida está cheia de perigos. Estudemos, desde o berço, as tendências trazidas pela criança das existências anteriores, apliquemo-nos a desenvolver as boas, a sufocar as más. Não devemos dar-lhes muitas alegrias, para que, habituados desde cedo à desilusão, essas almas jovens compreendam que a vida terrestre é árdua, que não se deve contar senão consigo mesmo, com seu trabalho, única coisa que proporciona a independência e a dignidade. Não tentemos desviar deles a ação das leis eternas. Há pedras no caminho de cada um de nós; só a sabedoria nos ensina a procurá-las. Não confiem seus filhos a outros, a não ser que sejam a isso obrigados. A educação não deve ser mercenária. Que importa a uma babá que uma criança fale ou ande antes de outra? Ela não tem nem o orgulho, nem o amor materno. Mas que alegria para a mãe nos primeiros passos do seu querubim! Nenhuma fadiga, nenhuma dor a detém. Ela ama! Façam pela alma dos seus filhos o mesmo. Tenham mais solicitude ainda pela sua alma do que pelo seu corpo. Este consumir-se-á, em breve, e será lançado a uma sepultura, enquanto que a alma imortal, resplandecendo pelos cuidados com que foi cercada, pelos méritos adquiridos, pelos progressos realizados, viverá através dos tempos para abençoá-los e amá-los.

A educação, baseada numa concepção exata da vida, mudaria a face do mundo. Suponhamos cada família iniciada nas crenças espiritualistas sancionadas pelos fatos, inculcando-as nos filhos, ao mesmo tempo em que a escola neutra lhes ensinaria os princípios da Ciência e as maravilhas do Universo; em breve, uma rápida transformação social produzir-se-ia sob a ação dessa dupla corrente.

Todas as chagas morais decorrem da má educação. Reformá-la, colocá-la sobre novas bases teria para a Humanidade consequências incalculáveis. Instruamos a juventude, esclareçamos sua inteligência; mas, antes de tudo, falemos ao seu coração, ensinemo-lhe a despojar-se de suas imperfeições. Lembremo-nos de que a Ciência por excelência consiste em melhorar. **DM**

Texto 26

Parece que assistimos a um começo de desagregação da sociedade. O cimento que liga os elementos do edifício, isto é, o espírito de família, a disciplina social, o patriotismo, o sentimento religioso etc., se enfraquecem e se decompõem.

A quem remonta a responsabilidade deste estado de coisas? Em grande parte, à Igreja e à Escola. Petrificada em seus dogmas, a Igreja se tornou impotente para comunicar ao corpo social essa fé viva que é a grande força, a própria alma das nações. Seu catecismo, incompreensível e incompreendido, é notoriamente insuficiente para esclarecer e guiar as crianças do povo nos caminhos difíceis da existência. Certamente, é verdade, podem ainda com isso se contentar; mas uma sociedade inteira não pode viver desse pão ressecado e endurecido.

Falemos da escola atual, ampla e obrigatória. Ela foi uma reação contra a escola congregacionista imbuída de prejuízos dogmáticos e de doutrinas seculares. Os promotores da escola laica tinham um programa e uma finalidade: fazer todos compartilharem, num ímpeto de entusiasmo, sua confiança na solidariedade humana pela difusão da educação e o conhecimento dos princípios que afirmam o dever e a participação de todos na obra comum. Essa instrução era complementada por noções de moral impregnadas de ideal espiritualista. Seus sucessores, entretanto, em sua política terra-a-terra, eliminaram pouco a pouco estas noções de idealismo e a escola caiu sob a influência materialista.

Desde então, a instrução laica, desprovida de elevação, desenvolveu o sentimento pessoal. Do orgulho ao egoísmo não vai mais que um passo e, trinta anos depois, este cresceu graças ao bem estar procurado por uma civilização materialista. Quando a instrução é desprovida de freio moral, de sanção, e vê-se imiscuir a paixão material, ela não faz senão superexcitar os apetites, os desejos de gozos e se traduz por um egoísmo desenfreado.

É preciso, pois, combater o egoísmo por um ensino idealista regenerador. Vencido o egoísmo, será mais fácil extinguir as outras paixões que corroem o coração humano.

A escola neutra representa, hoje em dia, um conjunto de conhecimentos privados do bem moral necessário para constituir uma educação, uma direção eficaz. Ela reencontrará o seu prestígio, o seu poder benéfico, assimilando uma doutrina espiritualista independente, suscetível de substituir todos os ensinamentos confessionais. Ora, essa doutrina só o Espiritismo pode fornecer.

Aguardando essa fusão necessária, qual é o papel de nós espíritas? É o de criar, de multiplicar o exemplo de nossos irmãos lioneses, as escolas dominicais onde a doutrina e a moral espíritas são ensinadas às crianças, assim como aos adultos. **SE**

Texto 27

Nosso mundo é arrastado por uma corrente poderosa para uma era de transformação social. O Socialismo, qualquer que seja a opinião que dele se faça, que se o aprove ou que se o condene, tem perseguido seu caminho a despeito das resistências e se tornou uma força com a qual é preciso contar. Ele tem para si o futuro; ele triunfará, talvez, sob formas bem diferentes daquelas sob as quais é concebido hoje e sua obra será pacífica ou sangrenta, conforme o princípio, a ideia mestra que a inspirará.

No momento, os socialistas estão divididos em escolas rivais. Eles trabalham de maneira diversa para reunir os elementos necessários a fundar um novo edifício social. Falta-lhes, porém, o essencial, o cimento que deve reunir esses elementos, isto é, a fé elevada e o espírito de sacrifício que ela inspira. Falta-lhes o ideal poderoso que aquece, fecunda e vivifica.

Para construir a cidade futura, para fixar a lei definitiva, é preciso, antes de tudo, conhecer a lei Universal do progresso e da justiça e tomá-la por guia, pois, se não conformarmos nossas obras pela lei eterna das coisas, não faremos senão uma obra efêmera construída sobre a areia e que virá abaixo.

O erro do Socialismo é acreditar que se pode atingir o resultado somente através de medidas políticas e econômicas. Esquece-se de que é preciso, acima de tudo, uma fé ardente, um ideal elevado capaz de fecundar todos os esforços; esquece-se de que é preciso o espírito de devotamento e sacrifício para fazer nascer o sentimento de altruísmo que é o cimento necessário a toda edificação social.

[...] A questão social é, acima de tudo, uma questão moral. **SE**

Texto 28

Longe de nós o pensamento de criticar os comunistas de convicção sincera que desejariam estabelecer na Terra o regime social que reina, provavelmente, nos mundos superiores, lá, onde todos trabalham para cada um e cada um por todos, no espírito de devotamento absoluto a uma causa comum. Esse regime exige qualidades morais e sentimento de altruísmo que não existe senão em condições excepcionais em nosso mundo egoísta e atrasado.

Poder-se-ia fazer das teorias comunistas, à parte, aspirações generosas, mas seria fácil demonstrar que elas são prematuras e inaplicáveis na sociedade atual. Fora preciso séculos de cultura moral e de educação popular para levar o espírito humano ao estado de perfeição necessária a uma tal ordem de coisas e, daí, a posse individual dos frutos do trabalho permanecerá como estimulante indispensável, o meio de emulação que assegura pôr em ação o equilíbrio das forças sociais.

Pelo momento, o comunismo não é realizável senão no seio de grupos restritos, cuidadosamente recrutados, nos quais todos os membros são animados por uma fé intensa e espírito de sacrifício.

Não se poderia sonhar com a possibilidade de estender a aplicação a nações inteiras, a milhões de homens nos quais as variedades de caracteres e de temperamentos fariam laboriosos e sábios os estúpidos, os preguiçosos, os imprevidentes e os debochados. Em todos os casos, não será através do crime e pelo sangue que se poderá fundar um regime de fraternidade, de solidariedade e de amor!

As instituições não são realmente vivas e fecundas senão quando os homens, por uma vida interior verdadeira, sabem animá-la.

Um comunismo sem ideal elevado não poderia ser construído sobre uma areia perpetuamente movediça.

O verdadeiro ponto de partida dos socialistas deveria ser a educação, o ensino. **SE**

Texto 29

As almas suficientemente evoluídas, quando deixam a Terra, vão quase todas viver em mundos melhores, enquanto que, incessantemente, chegam a nós dos planos inferiores, contingentes de almas ainda grosseiras que vêm procurar sua educação na esfera terrestre. Eis porque o nível moral muda tão lentamente. Herdam-se trabalhos de gerações passadas e não se herdam virtudes que permanecem individuais. Eis porque é preciso trabalhar acima de tudo na educação do povo se se quiser melhorar a sorte da Humanidade.

A reforma do indivíduo deve conduzir à reforma da coletividade de maneira a que tudo triunfe no homem e sobre si mesmo, sobre suas paixões, repercuta sobre aqueles que o cercam e que o progresso do conjunto reaja sobre cada indivíduo. É trabalhando pela elevação dos outros que trabalhamos mais eficazmente para elevar a nós mesmos e, ao mesmo tempo, se desenvolve, se acresce e se afirma em nós e em torno de nós essa noção essencial de fraternidade que nos religa a todos uns aos outros. **SE**

Texto 30

Não é tudo assegurar ao trabalhador o pão e a moradia. O povo não tem apenas necessidades materiais; ele pede também que se cultivem suas faculdades superiores, na instrução, muito negligenciada por uma política materialista, por sua insuficiência e seus falsos métodos, o que muito contribuiu para criar o mal-estar que sofremos. Povo tornado soberano tem necessidade de ser mais conhecido em seus votos e seus julgamentos. **SE**

Texto 31

O Socialismo do futuro será o Socialismo espiritualista, pois realizará um ideal baseado no desenvolvimento da mais alta faculdade da alma. Só ele poderá dissipar os prejuízos de castas, de raças, de cores e de religiões e fazer nascer um sentimento profundo de fraternidade única.

Qual será seu programa de ação em um período de lutas que tendo se encerrado deverá coroar sua obra de regeneração social? Cremos que este programa pode se resumir como se segue:

- Assegurar o pão dos velhos e o abrigo de um lar para os trabalhadores esgotados pela idade e enfermidades;
- Dar à criança o alimento intelectual necessário, isto é, instruí-la quanto aos seus deveres e a grande finalidade da vida; iniciá-la nos princípios que fazem do universo e do conjunto de existências um todo harmonioso do qual é parte integrante, atuante e responsável;
- Proteger a mulher contra as fraquezas mórbidas e as seduções funestas, proporcionar-lhe no estado de gravidez o trabalho manual que lhe torne possível a vida familiar e a educação dos filhos;
- Assegurar a todos uma parte do bem-estar proporcional à tarefa realizada e aos serviços prestados na obra social;
- Tornar acessível a toda alma humana os ensinamentos, as consolações, as luzes que proporcionam o culto do bem e do belo em suas formas diversas: arte, literatura, poesia, tudo que constitui um meio de elevação, moralização e aperfeiçoamento; tudo que é eficaz para

apagar na alma as manchas do passado, tudo que prepara o ser para suas destinações reais; em uma palavra, proporcionar ao ser humano o que ele veio cobrar da existência, isto é, segundo a lei da evolução, um degrau para subir mais alto na hierarquia das almas, o desenvolvimento das qualidades do espírito e do coração. **SE**

Texto 32

A alma, dissemos, vem de Deus; é, em nós, o princípio da inteligência e da vida. Essência misteriosa escapa à análise, como tudo quanto dimana do Absoluto. Criada por amor, criada para amar, tão mesquinha que pode ser encerrada numa forma acanhada e frágil, tão grande que, com um impulso do seu pensamento, abrange o infinito, a alma é uma partícula da essência divina projetada no mundo material.

Desde a hora em que caiu na matéria, qual foi o caminho que seguiu para remontar até ao ponto atual da sua carreira? Precisou passar vias escuras, revestir formas, animar organismos que deixava ao sair de cada existência, como se faz com um vestuário inútil. Todos esses corpos de carne pereceram, o sopro dos destinos dispersou-lhes as cinzas, mas a alma persiste e permanece na sua perpetuidade, prossegue sua marcha ascendente, percorre as inumeráveis estações da sua viagem e dirige-se para um fim grande e apetecível, um fim que é a perfeição.

A alma contém, no estado virtual, todos os germens dos seus desenvolvimentos futuros. É destinada a conhecer, adquirir e possuir tudo. Como, pois, poderia ela conseguir tudo isso numa única existência? A vida é curta e longe está a perfeição! Poderia a alma, numa vida única, desenvolver o seu entendimento, esclarecer a razão, fortificar a consciência, assimilar todos os elementos da sabedoria, da santidade, do gênio? Para realizar os seus fins, tem de percorrer, no tempo e no espaço, um campo sem limites. É passando por inúmeras transformações, no fim de milhares de séculos, que o mineral grosseiro se converte em diamante puro, refratando mil cintilações. Sucede o mesmo com a alma humana.

O objetivo da evolução, a razão de ser da vida não é a felicidade terrestre, como muitos erradamente creem, mas o aperfeiçoamento de cada um de nós, e esse aperfeiçoamento devemos procurá-lo por meio do trabalho, do esforço, de todas as alternativas da alegria e da dor, até que nós tenhamos desenvolvido completamente e elevado ao estado celeste. Se há na Terra menos alegria do que sofrimento, é que este é o instrumento por excelência da educação e do progresso, um estimulante para o ser, que, sem ele, ficaria retardado nas vias da sensualidade. A dor, física e moral, forma a nossa experiência. A sabedoria é o prêmio.

Pouco a pouco a alma se eleva e, conforme vai subindo, nela se vai acumulando uma soma sempre crescente de saber e virtude; sente-se mais estreitamente ligada aos seus semelhantes; comunica mais intimamente com o seu meio social e planetário. Elevando-se cada vez mais, não tarda a ligar-se por laços pujantes às sociedades do espaço e depois ao Ser universal.

Assim, a vida do ser consciente é uma vida de solidariedade e liberdade. Livre dentro dos limites que lhe assinalam as leis eternas, faz-se o arquiteto do seu destino. O seu adiantamento é obra sua. Nenhuma fatalidade o oprime, salvo a dos próprios atos, cujas consequências nele recaem; mas não pode desenvolver-se e medrar senão na vida coletiva com o recurso de cada um e em proveito de todos. Quanto mais sobe, tanto mais se sente

viver e sofrer em todos e por todos. Na necessidade de se elevar a si mesmo, atrai a si, para fazê-los chegar ao estado espiritual, todos os seres humanos que povoam os mundos onde viveu. Quer fazer por eles o que por ele fizeram os seus irmãos mais velhos, os grandes Espíritos que o guiaram na sua marcha.

A lei de justiça requer que, por sua vez, sejam emancipadas, libertadas da vida inferior todas as almas. Todo ser que chega à plenitude da consciência deve trabalhar para preparar aos seus irmãos uma vida suportável, um estado social que só comporte a soma de males inevitáveis. Esses males, necessários ao funcionamento da lei de educação geral, nunca deixarão de existir em nosso mundo; representam uma das condições da vida terrestre. A matéria é o obstáculo útil; provoca o esforço e desenvolve a vontade; contribui para a ascensão dos seres, impondo-lhes necessidades que os obrigam a trabalhar. Como, sem a dor, havíamos de conhecer a alegria; sem a sombra, apreciar a luz; sem a privação, saborear o bem adquirido, a satisfação alcançada? Eis aqui a razão por que encontramos dificuldades de toda sorte em nós e em volta de nós. **PS**

Texto 33

A teoria da evolução deve ser completada pela da percussão, isto é, pela ação das potências invisíveis, que ativa e dirige essa lenta e prodigiosa marcha ascensional da vida do Globo. O mundo oculto intervém, em certas épocas, no desenvolvimento físico da humanidade, como intervém no domínio intelectual e moral, pela revelação medianímica. Quando uma raça que chegou ao apogeu é seguida de uma nova raça, é racional acreditar que uma família superior de almas encarna entre os representantes da raça exausta para fazê-la subir um grau, renovando-a e moldando-a à sua imagem. É o eterno himeneu entre o céu e a Terra, a infinita penetração da matéria pelo espírito, a efusão crescente da vida psíquica na forma em evolução. **PS**

Texto 34

Censura-se frequentemente que nem tudo é harmônico na Natureza. Se ela produz maravilhas, diz-se, ela cria, também, monstros. O mal em toda a parte acotovela o bem. Se a lenta evolução das coisas parece preparar o mundo para se tornar o teatro da vida, é preciso não perder de vista o esbanjamento das existências e a luta ardente dos seres. É preciso não esquecer que tremores de terra, erupções de vulcões desolam, às vezes, nosso planeta e destroem, em alguns instantes, os trabalhos de várias gerações.

Sim, sem dúvida, há acidentes na obra da Natureza, mas esses acidentes não excluem a ideia de ordem, de finalidade; ao contrário, eles vêm em apoio da nossa tese, pois poderíamos nos perguntar, por que não é tudo um acidente?

A apropriação das causas aos efeitos, dos meios à finalidade, a dos órgãos entre si, sua adaptação ao meio, às condições da vida, são manifestas. A indústria da Natureza, análoga em muitos pontos e superior a do homem, prova a existência de um plano e o emprego dos elementos que concorrem para sua realização denota uma causa oculta infinitamente sábia e poderosa.

Quanto à objeção dos monstros, ela provém de um defeito de observação. Os monstros são apenas germens desviados. Se um homem ao cair quebra a perna, far-se-á remontar a responsabilidade à Natureza ou a Deus? Da mesma forma, em consequência de

acidentes, de desordens, sobrevindas durante a gestação, os germens podem sofrer desvios do seio da mãe. Estamos habituados a datar a vida do nascimento, da aparição do ser para luz, mas a vida tem seu ponto de partida muito mais distante.

O argumento fraco da existência dos flagelos tem como origem uma falsa interpretação do objetivo da vida. Esta não deve somente nos propiciar aprovações: é útil, é necessário que ela nos apresente, também, dificuldades. Todos nós nascemos para morrer, e nos espantamos que certos homens morram de acidente! Seres passageiros nesse mundo, do qual nada levaremos para o Além, lamentamo-nos pela perda de bens que se perderiam por si mesmos em virtude das leis naturais! Esses acontecimentos assustadores, essas catástrofes, esses flagelos trazem consigo um ensinamento. Eles nos lembram de que não devemos esperar da Natureza apenas coisas agradáveis, mas, sobretudo, coisas propícias à nossa educação e ao nosso avanço; que não estamos, aqui, para usufruir e adormecermos na quietude, mas para lutar, trabalhar, combater. Eles nos dizem que o homem não é feito unicamente para a Terra, que deve olhar mais alto, apenas se apegar às coisas materiais na medida justa e pensar que seu ser não é destruído pela morte.

A doutrina da evolução não exclui a das causas primárias e das causas finais. A ideia mais elevada, que se possa fazer de um ordenador, é de supô-lo formando um mundo capaz de se desenvolver através de suas próprias forças, e não por uma intervenção incessante e de contínuos milagres.

Ele não é, portanto, criação espontânea, miraculosa; a criação é contínua, sem começo nem fim. O Universo sempre existiu; ele possui em si seu princípio de força, de movimento; traz consigo seu objetivo. O mundo se renova incessantemente em suas partes; no seu conjunto, ele é eterno.

Tudo se transforma e evolui pelo jogo contínuo da vida e da morte, mas nada perece. Enquanto que, nos céus sóis se tornam obscuros e se apagam, enquanto mundos envelhecidos se desagregam e se dissipam, em outros pontos, sistemas novos se elaboram, astros se acendem, mundos nascem para a luz. Ao lado da decrepitude e da morte, humanidades novas desabrocham num rejuvenescimento eterno.

A obra grandiosa segue através dos tempos sem-marcos e dos Espaços sem-limites, pelo trabalho de todos os seres, solidários uns aos outros e em proveito de cada um deles. O Universo nos oferece o espetáculo de uma evolução incessante, da qual todos participam. Um princípio imutável preside essa obra: é a unidade universal, unidade divina, a qual abraça, religa, dirige todas as individualidades, todas as atividades particulares, fazendo-as convergir para um objetivo comum, que é a perfeição na plenitude da existência. **DM**

Texto 35

Não há dois princípios no mundo: o Bem e o Mal. O Mal é apenas um reflexo de contraste, o que a noite é para o dia. Ele não tem existência própria. O Mal é o estado de inferioridade e ignorância do ser em via de evolução. Os primeiros degraus da escada imensa representam o que chamamos o mal; porém à medida que o ser se eleva, realiza o bem em si e em torno de si. Por outro lado, o mal se atenua, depois se dissipa.

O Mal, o dissemos, é apenas a ausência do Bem. Se ele parece dominar ainda em nosso planeta, é porque este é um dos primeiros anéis da corrente, uma estada de almas elementares que estreiam na rude senda do conhecimento, ou então de almas culpadas, em

via de reparação. Nos mundos mais adiantados, o bem desabrocha e, de degrau em degrau, termina por reinar sem-divisão.

O Bem é indefinível por si mesmo. Defini-lo seria amesquinhá-lo. É preciso considerá-lo, não na sua natureza, mas nas suas manifestações. Acima das essências, das formas e das ideias, plana o princípio do Belo e do Bem, último termo que sejamos capazes de atingir através do pensamento, sem, todavia, abrangê-lo. Ele está na nossa imperfeição de não poder apreender a realidade última das coisas; mas a sensibilidade, a inteligência e o conhecimento têm em nós tantos pontos de apoio, que permitem à alma libertar-se do seu estado de inferioridade e de incerteza, e se convencer de que tudo no Universo, as forças e os seres, tudo é regido pelo Bem e pelo Belo.

A ordem e a majestade do mundo, ordem física e ordem moral, justiça, liberdade, moralidade, tudo repousa nas leis eternas, e não há leis eternas sem um Princípio Superior, sem uma Razão Primeira, causa de toda lei. Desse modo, o ser humano, não mais que a sociedade, não pode crescer e progredir sem a ideia de Deus, isto é, sem-justiça, sem liberdade, sem-respeito de si mesmo, sem-amor, pois Deus, que representa a perfeição, é a última palavra, a suprema garantia de tudo o que constitui a beleza, a grandeza da vida, de tudo o que faz o poder e a harmonia do Universo! **GE**

Texto 36

A união da alma e do corpo começa na concepção e só se completa no momento do nascimento. E o envoltório fluídico é que prende o espírito ao gérmen; essa união vai se estreitando sempre mais, até o momento em que está completa, isto é, quando a criança vê a luz do dia. No intervalo entre a concepção até o nascimento, as faculdades da alma são pouco a pouco anuladas pelo poder, sempre crescente, da força vital recebida dos geradores, que diminui o movimento vibratório do perispírito até o momento em que o espírito da criança se torne completamente inconsciente. Essa diminuição vibratória do movimento fluídico leva à perda da lembrança das vidas anteriores.

As aquisições do passado estão latentes em cada alma; as faculdades não estão destruídas; elas têm raízes no inconsciente e são tanto mais aparentes quanto mais tiverem progredido anteriormente e capitalizado mais conhecimentos, impressões, imagens, saber e experiência. É o que constitui “o caráter” de cada indivíduo vivo e lhe dá as aptidões originais proporcionais ao seu grau de evolução. Portanto, a criança retém de seus pais apenas uma coisa: a força vital, à qual é preciso acrescentar alguns elementos hereditários. No momento de sua encarnação, o perispírito se une, molécula a molécula, à matéria do gérmen. Nesse gérmen, que deve constituir mais tarde o indivíduo, reside uma potência inicial que resulta da soma dos elementos de vida do pai e da mãe, no momento da geração. Esse gérmen encerra uma energia potencial mais ou menos grande que, transformando-se em energia ativa durante o período total da vida, determina o grau de longevidade do ser.

É, portanto, sob a influência dessa força vital emanada dos geradores, que eles próprios a recebem dos ancestrais, que o perispírito desenvolve suas propriedades funcionais. Assim, o duplo fluídico reproduz sob a forma de movimento o traço indelével de todos os estados da alma, desde o seu primeiro nascimento; por outro lado, o gérmen material recebe a marca de todos os estados sucessivos do perispírito: há aí um paralelismo vital absolutamente lógico e harmonioso. O perispírito se torna, assim, o regulador e o suporte da

energia vital modificada pela hereditariedade. É por aí que se forma o tipo individual de cada um de nós. Ele não é outra coisa senão o “mediador plástico” do filósofo escocês Woodsworth, a tessitura fluídica permanente através da qual passa a torrente de matéria fluente que destrói e reconstrói, incessantemente, o organismo vivo. É a armadura invisível que sustenta interiormente a estátua humana.

O perispírito é o princípio de identidade física e moral que mantém indefectível, no meio das vicissitudes do ser móvel e mutante, o princípio do *eu* consciente. A memória que nos assegura a certeza íntima de nossa identidade pessoal é a irradiação reflexa desse perispírito.

Tal é a origem de nossa vida.

Na realidade, somos unicamente filhos de nós mesmos. Os fatos aí estão para confirmar essa asserção. Os filósofos do século XVIII, com seu sistema da alma comparada a uma tábua rasa sobre a qual ainda nada está escrito, estão, portanto, enganados.

Cada encarnação perispiritual traz, certamente, modalidades novas para a alma da criança que reedita sua vida, porém ela já encontra seu terreno cultivado para isso. Platão tinha razão quando dizia: “Aprender, é recordar-se”.

Entretanto, pode acontecer, ao contrário, que as leis da hereditariedade entrem a manifestação do gênio, pois o espírito molda seu corpo, porém ele apenas pode se servir dos elementos postos à sua disposição por essa hereditariedade. **GE**

Texto 37

Muitas pessoas temem a morte por causa dos sofrimentos físicos que a acompanham. Sofremos, é verdade, na doença que acaba pela morte, mas sofremos também nas doenças de que nos curamos. No instante da morte, dizem-nos os Espíritos, quase nunca há dor; morre-se como se adormece. Essa opinião é confirmada por todos aqueles a quem a profissão e o dever chamam frequentes vezes para a cabeceira dos moribundos.

No entanto, se considerarmos o sossego, a serenidade de certos doentes nas horas derradeiras e a agitação convulsiva, a agonia de outros, devemos reconhecer que as sensações que precedem a morte são muito diversas, em relação aos indivíduos. Os sofrimentos são tanto mais vivos quanto mais numerosos e fortes são os laços que unem a alma ao corpo. Tudo o que os pode diminuir, enfraquecer, tornará a separação mais rápida, a transição menos dolorosa. Se a morte é quase sempre isenta de sofrimento para aquele cuja vida foi nobre e bela, não sucede o mesmo com os sensuais, os violentos, os criminosos, os suicidas.

Uma vez transposta a passagem, uma espécie de perturbação, de entorpecimento, invade a maior parte das almas que não souberam preparar-se para a partida. Nesse estado, as suas faculdades ficam veladas, as suas percepções mal se exercem através de um nevoeiro mais ou menos denso. A duração da perturbação varia segundo a natureza e o valor moral delas; pode ser muito prolongada para as mais atrasadas e chegar a anos até; depois, pouco a pouco, vai-se dissipando o nevoeiro; as percepções ganham maior nitidez. O Espírito readquire a lucidez; desperta para a nova vida, a vida do espaço. Solene é esse instante para ele, mais decisivo, mais formidável do que a hora da morte; porque, segundo o seu valor e o seu grau de pureza, será tranquilo e delicioso, cheio de ansiedade ou de sofrimento esse despertar.

No estado de perturbação, a alma tem consciência dos pensamentos que se lhe dirigem. Os pensamentos de amor e caridade, as vibrações dos corações afetuosos brilham para ela como raios na névoa que a envolve; ajudam-na a soltar-se dos últimos laços que a acorrentam à Terra, a sair da sombra em que está imersa. É por isso que as preces inspiradas pelo coração, pronunciadas com calor e convicção, principalmente as preces improvisadas, são salutares, benfazejas para o Espírito que deixou a vida corporal; pelo contrário, as orações vagas, pueris, das igrejas, são muitas vezes ineficazes. Pronunciadas maquinalmente, não adquirem o poder vibratório que faz do pensamento uma força penetrante e, ao mesmo tempo, uma luz.

O cerimonial religioso em uso oferece, em geral, pouco auxílio e conforto aos defuntos. Os assistentes dessas manifestações, na ignorância das condições da sobrevivência, ficam indiferentes e distraídos. É quase um escândalo ver a desatenção com que se assiste, em nossa época, a uma cerimônia fúnebre. A atitude dos assistentes, a falta de recolhimento, as conversas banais trocadas durante o funeral, tudo causa penosa impressão. Bem poucos dos que formam o acompanhamento pensam no defunto e consideram como dever projetar para ele um pensamento afetoso.

As preces fervorosas dos amigos, dos parentes, são muito mais eficazes para o Espírito do morto do que as manifestações do culto mais pomposo; não é, contudo, conveniente nos entregarmos desmedidamente à dor da separação. As saudades da partida são, decerto, legítimas e as lágrimas sinceras são sagradas; mas, quando demasiado violentas, essas manifestações de pesar entristecem e desanimam aquele a quem se dirigem e, muitas vezes, testemunha delas. Em vez de lhe facilitarem o voo para o espaço, retêm-no nos lugares onde sofreu e onde ainda estão sofrendo aqueles que lhe são caros. **PS**

Texto 38

Pergunta-se às vezes o que se deve pensar das mortes prematuras, das mortes acidentais, das catástrofes que, de um golpe, destroem numerosas existências humanas. Como conciliar esses fatos com a ideia de plano, de providência, de harmonia universal? E se deixa voluntariamente a vida por um ato de desespero, que sucede? Qual é a sorte dos suicidas?

As existências interrompidas prematuramente por causa de acidentes chegaram ao seu termo previsto. São, em geral, complementares de existências anteriores, truncadas por causa de abusos ou excessos. Quando, em consequência de hábitos desregrados, se gastaram os recursos vitais antes da hora marcada pela Natureza, tem-se de voltar a perfazer, numa existência mais curta, o lapso de tempo que a existência precedente devia ter normalmente preenchido. Sucede que os seres humanos passíveis dessa reparação se reúnem num ponto pela força do destino, para sofrerem, numa morte trágica, as consequências de atos que têm relação com o passado anterior ao nascimento. Daí, as mortes coletivas, as catástrofes que lançam no mundo um aviso. Aqueles que assim partem, acabaram o tempo que tinham de viver e vão preparar-se para existências melhores. **PS**

Texto 39

O ser humano, dissemos, pertence desde esta vida a dois mundos. Pelo corpo físico está ligado ao mundo visível; pelo corpo fluídico ao invisível. O sono é a separação

temporária dos dois invólucros; a morte é a separação definitiva. A alma, nos dois casos, separa-se do corpo físico e, com ela, a vida concentra-se no corpo fluídico. A vida de além-túmulo é simplesmente a permanência e a libertação da parte invisível do nosso ser.

O nosso mundo e o Além não estão separados um do outro; provam-no esses fatos aos quais se podiam juntar muitos outros da mesma ordem. Estão um no outro; de alguma sorte se enlaçam e estreitamente se confundem. Os homens e os Espíritos misturam-se. Testemunhas invisíveis associam-se à nossa vida, compartilhando de nossas alegrias e provações.

A lei dos agrupamentos no espaço é a das afinidades. A ela estão sujeitos todos os Espíritos. A orientação de seus pensamentos leva-os naturalmente para o meio que lhes é próprio, porque o pensamento é a própria essência do mundo espiritual, sendo a forma fluídica apenas o vestuário. Onde quer que seja, reúnem-se os que se amam e compreendem. Herbert Spencer, num momento de intuição, formulou um axioma igualmente aplicável ao mundo visível e ao mundo invisível. “A vida – disse ele – é uma simples adaptação às condições exteriores.”

Se é propenso às coisas da matéria, o Espírito fica preso à Terra e mistura-se com os homens que têm os mesmos gostos, os mesmos apetites; quando é levado para o ideal, para os bens superiores, eleva-se sem esforço para o objeto dos seus desejos, une-se às sociedades do espaço, toma parte nos seus trabalhos e goza dos espetáculos, das harmonias do infinito.

O pensamento cria, a vontade edifica. A causa de todas as alegrias e de todas as dores está na consciência e na razão; por isso é que, cedo ou tarde, encontramos no Além as criações dos nossos sonhos e a realização das nossas esperanças. Mas o sentimento da tarefa incompleta, ao mesmo tempo que os afetos e as lembranças, trazem novamente a maior parte dos Espíritos à Terra. Todas as almas encontram o meio que os seus desejos reclamam e hão de viver nos mundos sonhados, unidos aos seres que estimam; mas também aí encontrarão os prazeres ou os sofrimentos que o seu passado gerou.

Nossas concepções e nossos sonhos seguem-nos por toda parte. No surto dos seus pensamentos e no ardor de sua fé, os adeptos de cada religião criam imagens nas quais supõem reconhecer os paraísos entrevistos. Depois, pouco a pouco, se apercebem de que essas criações são fictícias, de pura aparência e comparáveis a vastos panoramas pintados na tela ou a afrescos imensos. Aprendem, então, a desprender-se deles e aspiram a realidades mais elevadas, mais sensíveis. Sob nossa forma atual e no estreito limite de nossas faculdades, não poderíamos compreender as alegrias e os arrebatamentos reservados aos Espíritos superiores, nem as angústias profundas experimentadas pelas almas delicadas que chegaram aos limites da perfeição. A beleza está por toda parte; só os seus aspectos variam ao infinito, segundo o grau de evolução ou depuração dos seres. **PS**

Texto 40

No meio dos Espaços, não há mais moradas circunscritas para as almas. Tanto mais livres são quanto mais puras, percorrem a imensidão e vão onde as levam suas afinidades e suas simpatias. Os espíritos inferiores, entorpecidos pela densidade de seus fluidos, ficam como que pregados ao mundo onde viveram, circulando na sua atmosfera ou misturando-se aos humanos.

As alegrias e as percepções do espírito não resultam do meio que ocupa, mas do seu estudo pessoal e dos progressos realizados. O espírito atrasado, com perispírito opaco e envolto em sombras, pode encontrar-se com a alma radiosa, cuja forma sutil presta-se às sensações mais delicadas, às vibrações mais extensas. Cada um traz em si sua glória ou sua miséria.

A condição dos espíritos na vida de além-túmulo, sua elevação, sua felicidade, tudo depende da sua faculdade de sentir e de perceber, que é proporcional ao seu grau de adiantamento.

Aqui mesmo, na Terra, vemos os gozos intelectuais aumentarem com a cultura intelectual. As obras literárias e artísticas, as belezas da civilização, as mais altas concepções do gênio humano permanecem incompreensíveis para o homem selvagem e mesmo para muitos de nossos concidadãos. Assim, os espíritos de ordem inferior, como cegos no meio da Natureza ensolarada, ou surdos num concerto, ficam indiferentes e insensíveis diante das maravilhas do infinito.

Esses espíritos, envolvidos em fluidos espessos, submetem-se às leis da gravidade e são atraídos para a matéria. Sob a influência de seus apetites grosseiros, as moléculas de seus corpos fluídicos fecham-se às percepções exteriores e os tornam escravos das mesmas forças naturais que governam a Humanidade. Não se deveria insistir muito nesse fato que é o fundamento da ordem e da justiça universais: as almas agrupam-se e se dispõem no espaço segundo o grau de pureza de seu invólucro; o lugar que ocupa está em relação direta com sua constituição fluídica, que é sua própria obra, a resultante de seu passado e de todos os seus trabalhos. Ela é que determina sua situação; é nela que se encontra sua recompensa ou sua dor. Enquanto que a alma depurada percorre a vasta e radiosa amplidão, demora-se à vontade nos mundos e quase não vê limites para o seu progresso, o espírito impuro não pode afastar-se da vizinhança dos mundos materiais.

Entre esses estados extremos, numerosos graus intermediários permitem aos espíritos semelhantes agruparem-se e constituírem verdadeiras sociedades celestes. A comunhão de pensamentos e de sentimentos, a identidade dos gostos, das visões, das aspirações aproximam e unem essas almas que formam grandes famílias.

A vida do espírito evoluído é essencialmente ativa, embora sem-fadigas. As distâncias não existem para ele. Transporta-se com a rapidez do pensamento. Seu invólucro, semelhante a um vapor tênue, adquiriu uma tal sutileza que se torna invisível aos espíritos inferiores. Ele vê, ouve, sente, percebe, não mais através dos órgãos materiais que se interpõem entre a Natureza e nós e interceptam a passagem da maior parte das sensações, mas, diretamente, sem-intermediário, através de todas as partes de seu ser. Suas percepções são, também, mais precisas e em maior número do que as nossas. O espírito elevado nada, de alguma maneira, no meio de um oceano de sensações deliciosas. Quadros que mudam, desenrolam-se à sua vista, harmonias suaves embalam-no e encantam-no. Para ele, as cores são perfumes, os perfumes são sons. Mas, por mais delicadas que possam ser suas impressões, pode delas subtrair-se e recolher-se à vontade, envolvendo-se com um véu fluídico, isolando-se no seio dos Espaços.

O espírito evoluído está liberto de todas as necessidades corporais. A alimentação e o sono não têm para ele nenhuma razão de ser. Partindo da Terra, deixa para sempre os cuidados vãos, os sobressaltos, todas as quimeras que envenenam a existência nesse mundo. Os espíritos inferiores levam consigo, além-túmulo, seus hábitos, suas necessidades, suas

preocupações materiais. Não podendo elevar-se acima da atmosfera terrestre, voltam para participar da vida dos humanos, misturar-se às suas lutas, seus trabalhos, seus prazeres. Suas paixões, seus apetites, sempre despertados, superexcitados pelo contato contínuo com a Humanidade, acabrunham-nos e a impossibilidade de satisfazê-los torna-se para eles uma causa de tortura. **DM**

Texto 41

Esses seres, especialmente aptos, pela delicadeza e pela sensibilidade do seu sistema nervoso, na manifestação dos espíritos, trazem o nome de *médiuns*. Suas aptidões são múltiplas e variadas.

Os médiuns são os sensitivos, os clarividentes, aqueles cuja visão atravessa o nevoeiro opaco que nos esconde os mundos etéreos e que, através de um esclarecimento, chegam a entrever alguma coisa da vida celeste. Há até aqueles que têm a faculdade de ver os espíritos, deles ouvir a revelação das leis superiores.

Somos todos médiuns, é verdade, mas em graus bem diferentes. Muitos o são e o ignoram. Não há homens sobre os quais a influência, boa ou má, dos espíritos, não ajam. Vivemos no meio de uma multidão invisível que assiste, silenciosa, atenta, aos detalhes da nossa existência, participa pelo pensamento dos nossos trabalhos, das nossas alegrias, das nossas dores. Nessa multidão, tomaram lugar a maioria daqueles que reencontramos na Terra, e aos quais seguimos até o campo fúnebre a pobre vestimenta usada. Pais, amigos, indiferentes, inimigos, todos permanecem e são reconduzidos pela atração dos hábitos e das lembranças para os lugares e para os homens que conheceram. Esses seres invisíveis nos influenciam, nos observam, nos inspiram à nossa revelia e, em alguns casos, até, nos obsediam, nos perseguem com seu ódio e com sua vingança.

Todos os escritores conhecem as horas de inspiração, em que seu pensamento ilumina-se com claridades inesperadas, onde as ideias correm como uma torrente sob sua pluma.

Qual de nós, nos momentos de tristeza, de abatimento, de desespero, não se sentiu reanimado, reconfortado por uma ação íntima e misteriosa? E os inventores, os pioneiros do progresso, todos aqueles que lutam para engrandecer o domínio e o poder da Humanidade, todos aqueles, não se beneficiaram do socorro invisível que nossos mais velhos sabem lhes trazer nas horas decisivas? Escritores subitamente inspirados, inventores frequentemente esclarecidos, são, igualmente, médiuns intuitivos e inconscientes.

Noutros, a faculdade de se comunicar com os espíritos reveste uma forma mais categórica, mais acentuada. Uns sentem sua mão arrastada por uma força estranha e cobrem o papel com conselhos, avisos, ensinamentos variados. Outros, ricos em fluido vital, veem as mesas agitarem-se sob seus dedos e obtêm, por meio de pancadas através desses móveis, comunicações mais lentas, porém mais precisas e mais próprias para convencer os incrédulos. Alguns, mergulhados no sono magnético pela influência dos espíritos, abandonam a direção de seus órgãos a esses hóspedes invisíveis, que os usam para conversar com os encarnados, como no tempo de sua vida corporal. Nada mais estranho e mais surpreendente do que ver desfilar sucessivamente, no invólucro frágil e delicado de uma mulher e até de uma moça, as personalidades mais diversas, o espírito de um defunto qualquer, de um sacerdote, de um

artesão, de uma criada, revelando-se através das atitudes características, pela linguagem que lhe era familiar, durante sua existência nesse mundo.

Com frequência, espíritos conhecidos e amados pelos assistentes vêm afirmar sua presença e sua imortalidade, prodigalizar àqueles que deixaram para trás no caminho árduo da vida, as exortações e os encorajamentos, mostrar a todos o alvo supremo. Quem pintará as efusões, os transportes, as lágrimas daqueles, cujo pai, mãe, uma mulher amada vem, do seio dos Espaços, consolar, reconfortar com sua afeição e seus conselhos?

Alguns médiuns facilitam, com sua presença, o fenômeno das aparições, ou melhor, segundo uma expressão consagrada, materializações de espíritos. Esses espíritos tomam emprestado dos perispíritos desses médiuns uma quantidade suficiente de fluido, assimilam-no pela vontade, condensam seu próprio envoltório até torná-lo visível e, às vezes, tangível. Alguns médiuns servem também de intermediários aos espíritos para transmitir aos doentes e aos enfermos, eflúvios magnéticos que sustentam e, às vezes, curam esses infelizes. Esta é uma das formas mais belas e mais úteis da mediunidade.

Muitas sensações inexplicadas provêm de uma ação oculta dos espíritos. Por exemplo, os pressentimentos, que nos advertem de uma infelicidade, da perda de um ser amado, são causados pelas correntes fluídicas que os desencarnados projetam em direção àqueles que lhes são caros. O organismo resente esses eflúvios. Há, entretanto, no estudo e na prática das faculdades mediúnicas, uma fonte de ensinamentos elevados.

Todavia, ver-se-iam nelas, por engano, privilégios ou favores. Cada um de nós, como dissemos, traz em si os rudimentos de uma mediunidade que se pode desenvolver pelo exercício. A vontade, nisso como em tantas coisas, representa um papel considerável. As aptidões de alguns médiuns célebres explicam-se pela natureza particularmente flexível de seu organismo fluídico, que se presta, admiravelmente, à ação dos espíritos.

Quase todos os grandes missionários, os reformadores, os fundadores de religião eram médiuns poderosos, em comunhão constante com os invisíveis, dos quais recebiam as inspirações fecundas. Sua vida inteira é um testemunho da existência do mundo dos espíritos e das suas relações com a Humanidade terrestre. **DM**

Texto 42

Tudo se encadeia e se liga no Universo, tanto no moral como no físico, dizem-nos os espíritos. Na ordem dos fatos, do mais simples ao mais complexo, tudo é regulado por uma lei; cada efeito se refere a uma causa, e cada causa engendra um efeito idêntico a ela própria. Daí, no domínio moral, o princípio de justiça, a sanção do bem e do mal, a lei distributiva que dá a cada um segundo suas obras. Como as nuvens formadas pela vaporização solar recaem fatalmente como chuva sobre o solo, assim também, as consequências dos atos efetuados recaem sobre seus autores. Cada um desses atos, cada uma das volições do nosso pensamento, segundo a força de impulsão que lhe foi impressa, efetua sua evolução para retornar com seus efeitos, bons ou maus, em direção à fonte que os produziu.

Assim, as penas e recompensas se repartem sobre os indivíduos pelo jogo natural das coisas. O mal como o bem, tudo volta ao seu ponto de partida. Há faltas que produzem seus efeitos no próprio curso da existência terrena. Há outras, mais graves, cujas consequências se fazem sentir somente na vida espiritual e, às vezes, mesmo nas encarnações ulteriores.

A pena de talião nada tem de absoluta. Não é menos verdade que as paixões e as más ações do homem trazem resultados sempre idênticos, aos quais não se poderia subtrair. O orgulhoso prepara para si um futuro de humilhação; o egoísta cria em torno de si o vazio e a indiferença e duras privações aguardam os sensuais. Aí está a punição inevitável, o remédio eficaz que curará o mal na sua causa, sem que nenhum ser tenha que se constituir em carrasco de seus semelhantes.

O arrependimento, um ardente apelo à misericórdia divina, colocando-nos em comunicação com as potências superiores, podem nos dar a força necessária para percorrer a via dolorosa, o caminho de provas que nosso passado nos traça; mas, fora da expiação, nada poderia apagar nossas faltas. Só o sofrimento, esse grande educador, pode nos reabilitar. A lei de justiça não é senão o funcionamento da ordem moral universal e as penas, os castigos representam a reação da Natureza ultrajada e violentada nos seus princípios eternos. As forças do Universo são solidárias, repercutem-se e vibram em uníssono. Todo poder moral reage sobre aquele que a viola, proporcionalmente ao seu modo de ação. Deus não fere a ninguém. Deixa ao tempo o cuidado de fazer gotejar os efeitos de sua causa.

O homem é, portanto, seu próprio justiceiro, pois segundo o uso e abuso que faz da sua liberdade, torna-se feliz ou infeliz. O resultado de seus atos se faz, às vezes, esperar. Vemos nesse mundo culpados amordaçarem sua consciência, rirem-se das leis, viverem e morrerem honrados. Por outro lado, homens honestos perseguidos pela adversidade e a calúnia! Daí, a necessidade das vidas futuras, no decorrer das quais o princípio de justiça encontra sua aplicação e o estado moral do ser, seu equilíbrio. Sem esse complemento necessário, a existência atual não teria sentido e quase todos os nossos atos estariam despojados de sanção.

Na realidade, a ignorância é o mal soberano, de onde decorrem todos os outros males. Se o homem visse distintamente a consequência de seus atos, sua conduta seria diferente. Conhecendo a lei moral e sua aplicação inelutável, não mais procuraria violá-la, o que seria querer resistir às leis de atração ou da gravidade. **DM**

Texto 43

O destino é a resultante, através das nossas vidas sucessivas, dos nossos atos e das nossas livres resoluções. Mais esclarecidos sobre nossas imperfeições, no estado de espíritos, preocupados com os meios de atenuá-los, aceitamos a vida material sob a forma e nas condições que nos parecem próprias para realizar esse objetivo.

Os fenômenos do hipnotismo e da sugestão mental explicam o que acontece, em caso semelhante, sob a influência de nossos protetores espirituais. No estado de sonambulismo, a alma, sob a sugestão do magnetizador, empenha-se em executar tal ou qual ato, num dado tempo. De retorno ao estado de vigília, sem ter conservado nenhuma lembrança aparente dessa promessa, executa-a exatamente. Da mesma maneira, resoluções são tomadas antes de renascer; mas, chegada a hora, ela se adianta à frente dos acontecimentos previstos e deles participa na medida necessária ao seu adiantamento ou à execução da inelutável lei. **DM**

Texto 44

Não terminaremos esse estudo da vida no Espaço sem indicar, de maneira sumária, as regras segundo as quais efetua-se a reencarnação. Todas as almas que não puderam libertar-se das influências terrestres devem renascer, nesse mundo, para nele trabalhar pelo seu melhoramento; é o caso da imensa maioria. Como as outras fases da vida dos seres, a reencarnação está sujeita às leis: o grau de pureza do perispírito, a afinidade molecular, que determinam a classificação dos espíritos no espaço, fixam, também, as condições da reencarnação. Os semelhantes atraem-se. É em virtude dessa lei de atração e harmonia que os espíritos da mesma ordem, de caracteres e tendências análogas, aproximam-se, seguem-se através de suas múltiplas existências, encarnam em conjunto, constituindo famílias homogêneas.

Quando chega a hora de reencarnar, o espírito sente-se arrastado por uma força irresistível, por uma misteriosa afinidade, para o meio que lhe convém. Aí está uma hora de angústia, mais terrível que a da morte. Em realidade, a morte é apenas a libertação dos laços carnis, a entrada numa vida mais livre, mais intensa. A encarnação, ao contrário, é a perda dessa vida de liberdade, um amesquinamento de si mesmo, a passagem dos claros espaços à prisão obscura, a descida num abismo de lama e de miséria, onde o ser será submetido a inumeráveis necessidades tirânicas; é por isso que o desgosto, o pavor, o abatimento profundo do espírito, no limiar desse mundo tenebroso, são fáceis de conceber: é mais penoso, mais doloroso renascer do que morrer.

A reencarnação se produz através de uma aproximação gradual, por uma assimilação das moléculas ao perispírito, o qual se reduz, se condensa, se entorpece progressivamente, até que, por uma união suficiente de matéria, constitui um envoltório carnal, um corpo humano.

O perispírito faz, assim, o papel de um molde, fluídico, elástico, que empresta sua forma à matéria. Daí decorrem, na maioria, as condições fisiológicas do renascimento. As qualidades ou os defeitos do molde reaparecem no corpo físico, que é apenas, na maioria dos casos, uma feia e grosseira cópia do perispírito.

Desde que começa a assimilação molecular que deve dar nascimento ao corpo, a perturbação apodera-se do espírito; um torpor, uma espécie de aniquilamento o invade, pouco a pouco. Suas faculdades velam-se uma após outra, sua memória dissipa-se, sua consciência adormece. O espírito está como que sepultado sob uma grosseira crisálida. Desabrochada para a vida terrestre, a alma deverá, durante um longo período, preparar esse organismo novo, adaptá-lo às funções necessárias. Só após vinte ou trinta anos de hesitações, de esforços instintivos, reencontrará o uso das suas faculdades, diminuídas, é verdade, pela matéria e poderá, com mais resolução, prosseguir a travessia perigosa da existência. O homem pouco esclarecido chora e se lamenta sobre os túmulos, esses caminhos abertos sobre o infinito. Familiarizado com as leis do Alto, era sobre os berços que deveria derramar sua piedade. O vagido da criança que acaba de nascer não é como o lamento do espírito diante das tristes perspectivas da vida?

As leis inflexíveis da Natureza, ou melhor, os efeitos que resultam do passado do ser, decidem sua encarnação. O espírito inferior, ignorante dessas leis, negligente com o seu futuro, sofre, mecanicamente, seu destino e volta a tomar seu lugar na Terra sob a impulsão de uma força que não chega mesmo a conhecer. O espírito adiantado inspira-se nos exemplos

que o cercam na vida fluídica; recolhe os conselhos de seus guias espirituais, pesa as condições boas ou más do seu reaparecimento nesse mundo, prevê os obstáculos, as dificuldades da estrada, traça para si um programa e toma fortes resoluções com o objetivo de executá-las. Não desce de novo à carne, senão seguro do apoio dos invisíveis, que o ajudarão a executar sua nova tarefa. Nesse caso, o espírito não sofre, exclusivamente, o peso da fatalidade. Sua escolha pode exercer-se em certos limites, de maneira a acelerar sua marcha.

Isso ocorre porque o espírito esclarecido escolhe, de preferência, uma existência laboriosa, uma vida de luta e abnegação. Sabe que, graças a ela, seu adiantamento será mais rápido. A Terra é o verdadeiro purgatório. É preciso renascer e sofrer para despojar-se de seus vícios, para apagar as faltas ou os crimes do passado. Daí, as enfermidades cruéis, as longas e dolorosas doenças, a perda da razão. **DM**

Texto 45

A variedade infinita das aptidões, das faculdades, dos caracteres, explica-se facilmente. Nem todas as almas têm a mesma idade, nem todas subiram com o mesmo passo seus estádios evolutivos. Umas percorreram uma carreira imensa e aproximaram-se já do apogeu dos progressos terrestres; outras mal começam o seu ciclo de evolução no seio das humanidades. Estas são as almas jovens, emanadas a menos tempo do Foco Eterno, foco inextinguível que despede sem cessar feixes de Inteligências que descem aos mundos da matéria para animarem as formas rudimentares da vida. Chegadas à humanidade, tomarão lugar entre os povos selvagens ou entre as raças bárbaras que povoam os continentes atrasados, as regiões deserdadas do Globo. E, quando, afinal, penetram em nossas civilizações, ainda facilmente se deixam reconhecer pela falta de desembaraço, de jeito, pela sua incapacidade para todas as coisas e, principalmente, pelas suas paixões violentas, pelos seus gostos sanguinários, às vezes até pela sua ferocidade; mas, essas almas ainda não desenvolvidas subirão por sua vez a escala das graduações infinitas por meio de reencarnações inúmeras.

Assim, no encadeamento das nossas estações terrestres, continua e completa-se a obra grandiosa de nossa educação, o moroso edificar de nossa individualidade, de nossa personalidade moral. É por essa razão que a alma tem de encarnar sucessivamente nos meios mais diversos, em todas as condições sociais; tem de passar alternadamente pelas provações da pobreza e da riqueza, aprendendo a obedecer para depois mandar. Precisam das vidas obscuras, vidas de trabalho, de privações, para acostumar-se a renunciar às vaidades materiais, a desapegar-se das coisas frívolas, a ter paciência, a adquirir a disciplina do espírito. São necessárias as existências de estudo, as missões de dedicação, de caridade, por via das quais se ilustra a inteligência e o coração se enriquece com a aquisição de novas qualidades; virão depois as vidas de sacrifício pela família, pela pátria, pela humanidade. São necessários também a prova cruel, cadinho onde se fundem o orgulho e o egoísmo, e as situações dolorosas, que são o resgate do passado, a reparação das nossas faltas, a norma pela qual se cumpre a lei de justiça. O Espírito retempera-se, aperfeiçoa-se, purifica-se na luta e no sofrimento. Volta a expiar no próprio meio onde se tornou culpado. Acontece às vezes que as provações fazem de nossa existência um calvário, mas esse calvário é um monte que nos aproxima dos mundos felizes.

Logo, não há fatalidade. É o homem, por sua própria vontade, quem forja as próprias cadeias, é ele quem tece, fio por fio, dia a dia, do nascimento à morte, a rede de seu destino. A lei de justiça não é, em essência, senão a lei de harmonia; determina as consequências dos atos que livremente praticamos. Não pune nem recompensa, mas preside simplesmente à ordem, ao equilíbrio tanto do mundo moral quanto do mundo físico. Todo dano causado à ordem universal acarreta causas de sofrimento e uma reparação necessária, até que, mediante os cuidados do culpado, a harmonia violada seja restabelecida. **DM**

Texto 46

Temíveis são certas atrações para as almas que procuram as condições de um renascimento, por exemplo, as famílias de alcoólicos, de devassos, de dementes. Como conciliar a noção de justiça com a encarnação dos seres em tais meios? Não há aí, em jogo, razões psíquicas profundas e latentes e não são as causas físicas apenas uma aparência? Vimos que a lei de afinidade aproxima os seres similares. Um passado de culpas arrasta a alma atrasada para grupos que apresentam analogias com o seu próprio estado fluídico e mental, estado que ela criou com os seus pensamentos e ações.

Não há, nesses problemas, nenhum lugar para a arbitrariedade ou para o acaso. É o mau uso prolongado de seu livre-arbítrio, a procura constante de resultados egoístas ou maléficos que atrai a alma para genitores semelhantes a si. Eles fornecer-lhe-ão materiais em harmonia com o seu organismo fluídico, impregnados das mesmas tendências grosseiras, próprios para a manifestação dos mesmos apetites, dos mesmos desejos. Abrir-se-á nova existência, novo degrau de queda para o vício e para a criminalidade. E a descida para o abismo.

Senhora do seu destino, a alma tem de sujeitar-se ao estado de coisas que preparou, que escolheu. Todavia, depois de haver feito de sua consciência um antro tenebroso, um covil do mal, terá de transformá-lo em templo de luz. As faltas acumuladas farão nascer sofrimentos mais vivos; suceder-se-ão mais penosas, mais dolorosas as encarnações; o círculo de ferro apertar-se-á até que a alma, triturada pela engrenagem das causas e dos efeitos que houver criado, compreenderá a necessidade de reagir contra suas tendências, de vencer suas ruins paixões e de mudar de caminho. Desde esse momento, por pouco que o arrependimento a sensibilize, sentirá nascer em si forças, impulsões novas que a levarão para meios mais adequados à sua obra de reparação, de renovação, e passo a passo irá fazendo progressos. Raios e eflúvios penetrarão na alma arrependida e enternecida, aspirações desconhecidas, necessidades de ação útil e de dedicação hão de despertar nela. A lei de atração, que a impelia para as últimas camadas sociais, reverterá em seu benefício e tornar-se-á o instrumento da sua regeneração. **PS**

Texto 47

Segundo a opinião dos teósofos, o regresso da alma à carne efetua-se a cada mil e quinhentos anos. Esta teoria não é confirmada nem pelos fatos nem pelo testemunho dos Espíritos. Estes, interrogados em grande número, em meios muito diversos, responderam que a reencarnação é muito mais rápida; as almas ávidas de progresso demoram-se pouco no espaço. Pedem o regresso à vida deste mundo para conquistar novos títulos, novos méritos. Possuímos sobre as existências anteriores de certa pessoa indicações recolhidas, em pontos

muito afastados uns dos outros, da boca de médiuns que nunca se conheceram, indicações perfeitamente concordes entre si e com as intuições do interessado. Demonstram que apenas vinte, trinta anos, quando muito, separaram as suas vidas terrestres. Não há, quanto a isso, regra exata. As encarnações aproximam-se ou se distanciam segundo o estado das almas, seu desejo de trabalho e adiantamento e as ocasiões favoráveis que se lhes oferecem; nos casos de morte precoce, são quase imediatas.

Sabemos que o corpo fluídico materializa-se ou purifica-se conforme a natureza dos pensamentos e das ações do Espírito. As almas viciosas atraem a si, por suas tendências, fluidos impuros, que lhes tornam mais espesso o invólucro e lhes diminuem as radiações. À morte, não podem elevar-se acima das nossas regiões e ficam confinadas na atmosfera ou misturadas com os humanos; se persistem no mal, a atração planetária torna-se tão poderosa que lhes precipita a reencarnação. Quanto mais material e grosseiro é o Espírito, tanto mais influência tem sobre ele a lei de gravidade; com os Espíritos puros, cujo perispírito radioso vibra a todas as sensações do infinito e que acham nas regiões etéreas meios apropriados à sua natureza e ao seu estado de progressão, produz-se o fenômeno inverso. Chegados a um grau superior, esses Espíritos prolongam cada vez mais a sua estada no espaço; as vidas planetárias tornam-se para eles a exceção e a vida livre a regra, até que a soma das perfeições realizadas os liberte para sempre da servidão dos renascimentos. **PS**

Texto 48

Perguntam-nos muitas vezes: “Como podem a expiação e o resgate das faltas passadas ser meritórios e fecundos para o Espírito reencarnado, se este, esquecido e inconsciente das causas que o oprimem, ignora atualmente o fim e a razão de ser de suas provações?”

Vimos que o sofrimento não é forçosamente uma expiação. Toda a Natureza sofre; tudo o que vive, a planta, o animal e o homem, está sujeito à dor. O sofrimento é principalmente um meio de evolução, de educação; mas, no caso em questão, é preciso lembrar que se deve estabelecer distinção entre a inconsciência atual e a consciência virtual do destino no Espírito reencarnado.

Quando o Espírito compreende, à luz intensa do Além, que lhe é absolutamente necessária uma vida de provações para apagar os lamentáveis resultados de suas existências anteriores, esse mesmo Espírito, num movimento de plena inteligência e plena liberdade, escolhe ou aceita espontaneamente a reencarnação futura com todas as consequências que ela acarreta, aí compreendido o esquecimento do passado, que se segue ao ato da reencarnação. Essa vista inicial, clara e completa, do seu destino no momento preciso em que o Espírito aceita o renascimento, basta amplamente para estabelecer a consciência, a responsabilidade e o mérito dessa nova vida. Dela o conserva neste mundo a intuição velada, o instinto adormecido, que a menor reminiscência, o menor sonho, bastam para acordar e fazer reviver.

É por esse laço invisível, mas real e possante, que a vida atual se liga à vida anterior do mesmo ser e constitui a unidade moral e a lógica implacável de seu destino. Se, já o demonstramos, não nos lembramos do passado, é porque, as mais das vezes, nada fazemos para despertar as recordações adormecidas; mas a ordem das coisas não deixa por isso de subsistir, nenhum elo da cadeia magnética do destino se obliterou e, ainda menos, se quebrou.

O homem de idade madura não se lembra do que fez na meninice. Deixa por isso de ser a criancinha de outrora e de lhe realizar as promessas? O grande artista que, ao entardecer de um dia de labor, cede ao cansaço e adormece, não retém durante o sono o plano virtual, a visão íntima da obra que vai prosseguir, que vai continuar, assim que acordar? Acontece o mesmo com o nosso destino, que é uma lide constante entrecortada, muitas vezes, em seu curso, por sonos, que são, na realidade, atividades de formas diferentes, abrilhantadas por sonhos de luz e beleza!

A vida do homem é um drama lógico e harmônico, cujas cenas e decorações mudam, variam ao infinito, mas não se apartam nunca, um só instante, da unidade do objetivo nem da harmonia do conjunto. Só quando voltarmos para o mundo invisível é que compreenderemos o valor de cada cena, o encadeamento dos atos, a incomparável harmonia do todo em suas ligações com a vida e a unidade universais.

Sigamos, pois, com fé e confiança, a linha traçada pela Mão Infalível. Dirijamo-nos aos nossos fins, como os rios se dirigem para o mar – fecundando a terra e refletindo o céu.

PS

Texto 49

Há mais duas objeções que reclamam a nossa atenção: “Se a teoria da reencarnação fosse verdadeira – diz Jacques Brieu no *Moniteur des Études Psychiques* – o progresso moral deveria ser sensível desde o começo dos tempos históricos. Ora, sucede coisa muito diferente; os homens de hoje são tão egoístas, tão violentos, tão cruéis e tão ferozes como o eram há 2.000 anos.”

É uma apreciação exagerada. Ainda que a consideremos como exata, nada prova contra a reencarnação. Sabemos que os melhores homens, aqueles que depois de uma série de existências alcançaram certo grau de perfeição, prosseguem a sua evolução em mundos mais adiantados e só voltam à Terra, excepcionalmente, na qualidade de missionários; por outro lado, contingentes de Espíritos, vindos de planos inferiores, cotidianamente se vão juntando à população do globo.

Como estranhar, nessas condições, que o nível moral se eleve muito pouco?

Segunda objeção: a doutrina das vidas sucessivas, espalhando-se na humanidade, produz abusos inevitáveis. Não sucede o mesmo com todas as coisas no seio de um mundo pouco adiantado, cuja tendência é corromper, desnaturar os ensinamentos mais sublimes, acomodá-los a seus gostos, paixões e vis interesses?

O orgulho humano pode encontrar aí fartas satisfações e, com a ajuda dos Espíritos zombeteiros ou da sugestão automática, assiste-se, por vezes, às revelações mais burlescas. Assim como muita gente tem a pretensão de descender de ilustre estirpe, assim também, entre os teósofos e os espíritas, encontra-se muito crente vaidoso convencido de ter sido tal ou qual personagem célebre do passado.

Pelo que pessoalmente me diz respeito, conheço por esse mundo afora umas dez pessoas que afirmam ter sido Joana d’Arc. Seria um nunca acabar se fosse preciso enumerar todos os casos desse gênero. Não obstante, é possível encontrar nesse terreno alguma parcela de verdade.

Como havemos, porém, de joirá-la dos erros? Em tais matérias, precisamos entregar-nos a uma análise atenta e passar tais revelações pelo crivo de uma crítica rigorosa;

investigar primeiramente se a nossa individualidade apresenta traços salientes da pessoa designada; reclamar depois, da parte dos Espíritos reveladores, provas de identidade no tocante a tais personalidades do passado e a indicação de particularidades e de fatos desconhecidos, cuja verificação seja possível fazer ulteriormente.

Convém observar que esses abusos, como tantos outros, não derivam da natureza da causa incriminada, mas da inferioridade do meio em que ela exerce sua ação. Tais abusos, frutos da ignorância e de uma falsa apreciação, hão de diminuir de importância e desaparecer com o tempo, graças a uma educação mais sólida e mais prática. **PS**

Texto 50

Demonstrada a prova das vidas sucessivas, o caminho da existência acha-se desimpedido e traçado com firmeza e segurança. A alma vê claramente seu destino, que é a ascensão para a mais alta sabedoria, para a luz mais viva. A equidade governa o mundo; nossa felicidade está em nossas mãos; deixa de haver falhas no universo, sendo seu alvo a beleza, seus meios a justiça e o amor. Dissipa-se, portanto, todo o temor quimérico, todo o terror do Além. Em vez de recear o futuro, o homem saboreia a alegria das certezas eternas. Confiado no dia seguinte, multiplicam-se-lhe as forças; seu esforço para o bem será centuplicado.

Entretanto, levanta-se outra pergunta: quais são as molas secretas por cuja via se exerce a ação da justiça no encadeamento de nossas existências?

Notemos, primeiramente, que o funcionamento da justiça humana nada nos oferece que se possa comparar com a lei divina dos destinos. Esta se executa por si mesma, sem intervenção alheia, tanto para os indivíduos como para as coletividades. O que chamamos mal, ofensa, traição, homicídio, determina nos culpados um estado de alma que os entrega aos golpes da sorte na medida proporcionada à gravidade de seus atos.

Essa lei imutável é, antes de tudo, uma lei de equilíbrio. Estabelece a ordem no mundo moral, da mesma forma que as leis de gravitação e da gravidade asseguram a ordem e o equilíbrio no mundo físico. Seu mecanismo é, ao mesmo tempo, simples e grande. Todo mal se resgata pela dor. O que o homem faz de acordo com a lei do bem lhe proporciona tranquilidade e contribui para sua elevação; toda violação provoca sofrimento. Este prossegue a sua obra interior; cava as profundidades do ser; traz para a luz os tesouros de sabedoria e beleza que ele contém e, ao mesmo tempo, elimina os germens malsãos. Prolongará sua ação e voltará à carga por tanto tempo quanto for necessário até que ele se expanda no bem e vibre uníssono com as forças divinas; mas, na persecução dessa ordem grandiosa, compensações estarão reservadas à alma. Alegrias, afeições, períodos de descanso e felicidade alternarão, no rosário das vidas, com as existências de luta, resgate e reparação. Assim, tudo é regulado, disposto com uma arte, uma ciência, uma bondade infinitas na obra providencial.

No princípio de sua carreira, em sua ignorância e fraqueza, o homem desconhece e transgredir muitas vezes a lei. Daí as provações, as enfermidades, as servidões materiais; mas, desde que se instrui, desde que aprende a pôr os atos de sua vida em harmonia com a regra universal, torna-se, com efeito, cada vez menos presa da adversidade.

Os nossos atos e pensamentos traduzem-se em movimentos vibratórios e seu foco de emissão, pela repetição frequente dos mesmos atos e pensamentos, transforma-se, pouco a pouco, em poderoso gerador do bem ou do mal.

O ser classifica-se, assim, a si mesmo pela natureza das energias de que se torna o centro irradiador, mas, ao passo que as forças do bem se multiplicam por si mesmas e aumentam incessantemente, as forças do mal se destroem por seus próprios efeitos, porque estes voltam para sua causa, para seu centro de emissão e traduzem-se sempre em consequências dolorosas. Estando o mau, como todos os seres, sujeito à impulsão evolutiva, vê por isso aumentar-se forçosamente sua sensibilidade.

As vibrações de seus atos, de seus pensamentos maus, depois de haverem efetuado sua trajetória, voltam a ele, mais cedo ou mais tarde, oprimem-no e apertam-no na necessidade de reformar-se.

Esse fenômeno pode explicar-se cientificamente pela correlação das forças, pela espécie de sincronismo vibratório que faz voltar sempre o efeito à sua causa. Temos demonstração disso no fato bem conhecido de, em tempo de epidemia, de contágio, serem atacadas principalmente as pessoas cujas forças vitais se harmonizam com as causas mórbidas em ação, ao passo que os indivíduos dotados de vontade firme e isentos de receio ficam geralmente indenes.

Sucedo o mesmo na ordem moral. Os pensamentos de ódio e vingança, os desejos de prejudicar, provenientes do exterior, só podem agir sobre nós e influenciar-nos caso encontrem elementos que vibrem uníssonos com eles. Se nada existir em nós de similar, essas forças ruins resvalam sem nos penetrarem, voltam para aquele que as projetou para, por sua vez, o ferirem, seja no presente ou no futuro, quando circunstâncias particulares as fizerem entrar na corrente do seu destino. **PS**

Texto 51

Há, pois, na lei de repercussão dos atos, alguma coisa mecânica, automática na aparência. Entretanto, quando implica acerbas expiações, reparações dolorosas, grandes Espíritos intervêm para regular-lhe o exercício e acelerar a marcha das almas em via de evolução. Sua influência faz-se principalmente sentir na hora da reencarnação, a fim de guiar essas almas em suas escolhas, determinando as condições e os meios favoráveis à cura de suas enfermidades morais e ao resgate das faltas anteriores.

Sabemos que não há educação completa sem a dor. Colocando-nos nesse ponto de vista, é necessário livrarmo-nos de ver, nas provações e dores da humanidade, a consequência exclusiva de faltas passadas. Todos aqueles que sofrem não são forçosamente culpados em via de expiação. Muitos são simplesmente Espíritos ávidos de progresso, que escolheram vidas penosas e de labor para colherem o benefício moral que anda ligado a toda pena sofrida.

Contudo, em tese geral, é do choque, do conflito do ser inferior, que não se conhece ainda, com a lei da harmonia, que nasce o mal, o sofrimento. É pelo regresso gradual e voluntário do mesmo ser a essa harmonia que se restabelece o bem, isto é, o equilíbrio moral. Em todo pensamento, em toda obra há ação e reação e esta é sempre proporcional em intensidade à ação realizada. Por isso podemos dizer: o ser colhe exatamente o que semeou.

Colhe-o efetivamente, pois que, por sua ação contínua, modifica sua própria natureza, depura ou materializa o seu invólucro fluídico, o veículo da alma, o instrumento que serve para todas as suas manifestações e no qual é calcado, modelado o corpo físico em cada renascimento.

Nossa situação no Além resulta, como vimos precedentemente, das ações repetidas que nossos pensamentos e nossa vontade exercem constantemente sobre o perispírito. Segundo sua natureza e objetivo, vão-no transformando pouco a pouco num organismo sutil e radiante, aberto às mais altas percepções, às sensações mais delicadas da vida do espaço, capaz de vibrar harmonicamente com Espíritos elevados e de participar das alegrias e impressões do infinito. No sentido inverso, farão dele uma forma grosseira, opaca, acorrentada à Terra por sua própria materialidade e condenada a ficar encerrada nas baixas regiões.

Essa ação contínua do pensamento e da vontade, exercida no decorrer dos séculos e das existências sobre o perispírito, faz-nos compreender como se criam e desenvolvem nossas aptidões físicas, assim como as faculdades intelectuais e as qualidades morais.

Nossas aptidões para cada gênero de trabalho, a habilidade, a destreza em todas as coisas são o resultado de inúmeras ações mecânicas acumuladas e registradas pelo corpo sutil, do mesmo modo que todas as recordações e aquisições mentais estão gravadas na consciência profunda. Ao renascer, essas aptidões são transmitidas, por uma nova educação, da consciência externa aos órgãos materiais. Assim se explica a habilidade consumada e quase nativa de certos músicos e, em geral, de todos aqueles que mostram, em um domínio qualquer, uma superioridade de execução que surpreende à primeira vista.

Sucedo o mesmo com as faculdades e virtudes, com todas as riquezas da alma adquiridas no decurso dos tempos. O gênio é um longo e imenso esforço na ordem intelectual e a santidade foi conquistada à custa de uma luta secular contra as paixões e as atrações inferiores. **PS**

Texto 52

Com alguma atenção poderíamos estudar e seguir em nós o processo da evolução moral. De cada vez que praticamos uma boa ação, um ato generoso, uma obra de caridade, de dedicação, a cada sacrifício do “eu”, não sentimos uma espécie de dilatação interior? Alguma coisa parece expandir-se em nós; uma chama acende-se ou aviva-se nas profundezas do ser.

Essa sensação não é ilusória. O Espírito ilumina-se a cada pensamento altruísta, a cada impulso de solidariedade e de amor puro. Se esses pensamentos e atos se repetem, se multiplicam, se acumulam, o homem acha-se como que transformado ao sair de sua existência terrestre; a alma e seu invólucro fluídico terão adquirido um poder de radiação mais intenso.

No sentido contrário, todo pensamento ruim, todo ato criminoso, todo hábito pernicioso provoca um estreitamento, uma contração do ser psíquico, cujos elementos se condensam, entenebrecem, carregam de fluidos grosseiros.

Os atos violentos, a crueldade, o homicídio e o suicídio produzem no culpado um abalo prolongado, que se repercute, de renascimento em renascimento, no corpo material e

traduz-se em doenças nervosas, tiques, convulsões e até deformidades, enfermidades ou casos de loucura, consoante a gravidade das causas e o poder das forças em ação. Toda transgressão à lei implica diminuição, mal-estar, privação de liberdade.

As vidas impuras, a luxúria, a embriaguez e a devassidão conduzem-nos a corpos débeis, sem vigor, sem saúde, sem beleza. O ser humano que abusa de suas forças vitais, por si mesmo se condena a um futuro miserável, a enfermidades mais ou menos cruéis.

Às vezes a reparação se efetua numa longa vida de sofrimentos, necessária para destruir em nós as causas do mal, ou então numa existência curta e difícil, terminada por morte trágica. Uma atração misteriosa reúne às vezes os criminosos de lugares muito afastados num dado ponto para feri-los em comum. Daí as catástrofes célebres, os naufrágios, os grandes sinistros, as mortes coletivas, tais como o desastre de Saint-Gervais, o incêndio do Bazar de Caridade, a explosão de Courrières, a do “Iena”, o naufrágio do “Titanic”, do “Ireland”, etc.

Explicam-se assim as existências curtas; são o complemento de vidas precedentes, terminadas muito cedo, abreviadas prematuramente por excessos, abusos ou por qualquer outra causa moral, e que, normalmente, deveriam ter durado mais.

Não devem ser incluídas em tais casos as mortes de crianças em tenra idade. A vida curta de uma criança pode ser uma prova para os pais, assim como para o Espírito que quer encarnar. Em geral, é simplesmente uma entrada falsa no teatro da vida, quer por causas físicas, quer por falta de adaptação dos fluidos. Em tal caso, a tentativa de encarnação renova-se, pouco depois, no mesmo meio; reproduz-se até completo êxito, ou então, se as dificuldades são insuperáveis, se efetua num meio mais favorável. **PS**

Texto 53

A liberdade é a condição necessária da alma humana que, sem ela, não poderia construir seu destino. Em vão os filósofos e os teólogos têm argumentado longamente a respeito dessa questão. À porfia têm-na obscurecido com suas teorias e sofismas, votando a humanidade à servidão em vez de guiá-la para a luz libertadora. A noção é simples e clara. Os druidas haviam-na formulado desde os primeiros tempos de nossa História. Está expressa nas *Triades* por estes termos: Há três unidades primitivas – Deus, a luz e a liberdade.

À primeira vista, a liberdade do homem parece muito limitada no círculo de fatalidades que o encerra: necessidades físicas, condições sociais, interesses ou instintos. Mas, considerando a questão mais de perto, vê-se que essa liberdade é sempre suficiente para permitir que a alma quebre esse círculo e escape às forças opressoras.

A liberdade e a responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação; é a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade. Sem ela, não seria ele mais do que um autômato, um brinquedo das forças ambientes; a noção de moralidade é inseparável da de liberdade.

A responsabilidade é estabelecida pelo testemunho da consciência, que nos aprova ou censura segundo a natureza de nossos atos. A sensação do remorso é uma prova mais demonstrativa que todos os argumentos filosóficos. Para todo Espírito, por pequeno que seja o seu grau de evolução, a lei do dever brilha como um farol, através da névoa das paixões e interesses. Por isso, vemos todos os dias homens nas posições mais humildes e difíceis preferirem aceitar provações duras a se rebaixarem e cometer atos indignos.

Se a liberdade humana é restrita, está pelo menos em via de perfeito desenvolvimento, porque o progresso não é outra coisa senão a extensão do livre-arbítrio no indivíduo e na coletividade. A luta entre a matéria e o espírito tem precisamente como objetivo libertar este último cada vez mais do jugo das forças cegas. A inteligência e a vontade chegam, pouco a pouco, a predominar sobre o que a nossos olhos representa a fatalidade. O livre-arbítrio é, pois, a expansão da personalidade e da consciência. Para sermos livres é necessário querer sê-lo e fazer esforço para vir a sê-lo, libertando-nos da escravidão da ignorância e das paixões inferiores, substituindo o império das sensações e dos instintos pelo da razão.

Isto só se pode obter por uma educação e uma preparação prolongada das faculdades humanas: libertação física pela limitação dos apetites; libertação intelectual pela conquista da verdade; libertação moral pela procura da virtude. É essa a obra dos séculos. Mas, em todos os graus de sua ascensão, na repartição dos bens e dos males da vida, ao lado da concatenação das coisas, sem prejuízo dos destinos que nosso passado nos inflige, há sempre lugar para a livre vontade do homem. **PS**

Texto 54

Como conciliar nosso livre-arbítrio com a presciência divina? Perante o conhecimento antecipado que Deus tem de todas as coisas, pode-se verdadeiramente afirmar a liberdade humana? Questão complexa e árdua na aparência, que fez correr rios de tinta e cuja solução é, contudo, das mais simples. Mas o homem não gosta das coisas simples; prefere o obscuro, o complicado, e não aceita a verdade senão depois de ter esgotado todas as formas do erro.

Deus, cuja ciência infinita abrange todas as coisas, conhece a natureza de cada homem e as impulsões, as tendências, de acordo com as quais poderá determinar-se. Nós mesmos, conhecendo o caráter de uma pessoa, poderíamos facilmente prever o sentido em que, numa dada circunstância, ela decidirá, quer segundo o interesse, quer segundo o dever. Uma resolução não pode nascer do nada. Está forçosamente ligada a uma série de causas e efeitos anteriores das quais deriva e que a explicam. Deus, conhecendo cada alma em suas menores particularidades, pode, pois, rigorosamente, deduzir, com certeza, do conhecimento que tem dessa alma e das condições em que ela é chamada a agir, as determinações que, livremente, ela tomará.

Notemos que não é a previsão de nossos atos que os provoca. Se Deus não pudesse prever nossas resoluções, não deixariam elas, por isso, de seguir seu livre curso. É assim que a liberdade humana e a providência divina conciliam-se e combinam, quando se considera o problema à luz da razão.

O círculo dentro do qual se exerce a vontade do homem é, de mais a mais, excessivamente restrito e não pode, em caso algum, impedir a ação divina, cujos efeitos se desenrolam na imensidade sem limites. O fraco inseto, perdido num canto do jardim, não pode, desarranjando os poucos átomos ao seu alcance, lançar a perturbação na harmonia do conjunto e pôr obstáculos à obra do Divino Jardineiro. **PS**

Texto 55

A questão do livre-arbítrio tem grande importância sob o ponto de vista jurídico. Tendo, não obstante, em conta o direito de repressão e preservação social, é muito difícil

precisar, em todos os casos que dependem dos tribunais, a extensão das responsabilidades individuais. Não é possível fazê-lo senão estabelecendo o grau de evolução dos criminosos. O neo-espiritualismo fornecer-nos-ia talvez os meios; mas, a justiça humana, pouco versada nessas matérias, continua a ser cega e imperfeita em suas decisões e sentenças.

Muitas vezes o mau, o criminoso, não é, na realidade, mais do que um Espírito novo e ignorante em que a razão não teve tempo de amadurecer. “O crime – diz Duclos – é sempre o resultado dum falso juízo.” É por isso que as penalidades infligidas deveriam ser estabelecidas de modo que obrigassem o condenado a refletir, a instruir-se, a esclarecer-se, a emendar-se. A sociedade deve corrigir com amor e não com ódio, sem o que se torna criminosa.

As almas, como demonstramos, são equivalentes em seu ponto de partida. São diferentes por seus graus infinitos de adiantamento: umas novas, outras velhas e, por conseguinte, diversamente desenvolvidas em moralidade e sabedoria, segundo a idade. Seria injusto pedir ao Espírito infantil méritos iguais aos que se podem esperar de um Espírito que viu e aprendeu muito. Daí uma grande diferenciação nas responsabilidades.

O Espírito só estará verdadeiramente preparado para a liberdade no dia em que as leis universais, que lhe são externas, se tornem internas e conscientes em razão de sua própria evolução. No dia em que ele se penetrar da lei e fizer dela a norma de suas ações, terá atingido o ponto moral em que o homem se possui, domina e governa a si mesmo.

Daí em diante já não precisará do constrangimento e da autoridade sociais para corrigir-se. E dá-se com a coletividade o que se dá com o indivíduo. Um povo só é verdadeiramente livre, digno da liberdade, se aprendeu a obedecer a essa lei interna, lei moral, eterna e universal, que não emana nem do poder de uma casta, nem da vontade das multidões, mas de um Poder mais alto. Sem a disciplina moral que cada qual deve impor a si mesmo, as liberdades não passam de um logro; tem-se a aparência, mas não os costumes de um povo livre. A sociedade fica exposta, pela violência de suas paixões e a intensidade de seus apetites, a todas as complicações, a todas as desordens.

Tudo o que se eleva para a luz eleva-se para a liberdade. Esta se expande plena e inteira na vida superior. A alma sofre tanto mais o peso das fatalidades materiais quanto mais atrasada e inconsciente é, tanto mais livre se torna quanto mais se eleva e aproxima do divino.

PS

Texto 56

A vontade

O estudo do ser, a que consagramos a primeira parte desta obra, deixou-nos entrever a poderosa rede de forças, de energias ocultas em nós. Mostrou-nos que todo o nosso futuro, em seu desenvolvimento ilimitado, lá está contido no gérmen. As causas da felicidade não se acham em lugares determinados no espaço; estão em nós, nas profundezas misteriosas da alma, o que é confirmado por todas as grandes doutrinas.

“O reino dos céus está dentro de vós”, disse o Cristo. O mesmo pensamento está por outra forma expresso nos Vedas: “Tu trazes em ti um amigo sublime que não conheces.”

A sabedoria persa não é menos afirmativa: “Vós viveis no meio de armazéns cheios de riquezas e morreis de fome à porta.” (*Suffis Ferdousis*).

Todos os grandes ensinamentos concordam neste ponto: É na vida íntima, no desabrochar de nossas potências, de nossas faculdades, de nossas virtudes, que está o manancial das felicidades futuras.

Olhemos atentamente para o fundo de nós mesmos, fechemos nosso entendimento às coisas externas e, depois de havermos habituado nossos sentidos psíquicos à escuridade e ao silêncio, veremos surgir luzes inesperadas, ouviremos vozes fortificantes e consoladoras. Mas, há poucos homens que saibam ler em si, que saibam explorar as jazidas que encerram tesouros inestimáveis. Gastamos a vida em coisas banais, improfícuas; percorremos o caminho da existência sem nada saber de nós mesmos, das riquezas psíquicas, cuja valorização nos proporcionaria gozos inumeráveis. Há em toda alma humana dois centros ou, melhor, duas esferas de ação e expressão. Uma delas, a exterior, manifesta a personalidade, o “eu”, com suas paixões, suas fraquezas, sua mobilidade, sua insuficiência. Enquanto ela for a reguladora de nosso proceder, teremos a vida inferior, semeada de provações e males. A outra, interna, profunda, imutável, é, ao mesmo tempo, a sede da consciência, a fonte da vida espiritual, o templo de Deus em nós. É somente quando esse centro de ação domina o outro, quando suas impulsões nos dirigem, que se revelam nossas potências ocultas e que o Espírito se afirma em seu brilho e beleza. É por ele que estamos em comunhão com “o Pai que habita em nós”, segundo as palavras do Cristo, com o Pai que é o foco de todo o amor, o princípio de todas as ações.

Por um desses centros perpetuamo-nos em mundos materiais, onde tudo é inferioridade, incerteza e dor; pelo outro temos entrada nos mundos celestes, onde tudo é paz, serenidade, grandeza. Somente pela manifestação crescente do Espírito divino em nós chegaremos a vencer o “eu” egoísta, a associar-nos plenamente à obra universal e eterna, a criar uma vida feliz e perfeita.

Por que meio poremos em movimento as potências internas e as orientaremos para um ideal elevado? Pela vontade! Os usos persistentes, tenazes, dessa faculdade soberana permitir-nos-á modificar a nossa natureza, vencer todos os obstáculos, dominar a matéria, a doença e a morte.

É pela vontade que dirigimos nossos pensamentos para um alvo determinado. Na maior parte dos homens os pensamentos flutuam sem cessar. Sua mobilidade constante e sua variedade infinita oferecem limitado acesso às influências superiores. É preciso saber se concentrar, colocar o pensamento acorde com o pensamento divino. Então, a alma humana é fecundada pelo Espírito divino, que a envolve e penetra, tornando-a apta a realizar nobres tarefas, preparando-a para a vida do espaço, cujos esplendores ela começa fracamente a entrever desde este mundo. Os Espíritos elevados veem e ouvem os pensamentos uns dos outros, com os quais são harmonias penetrantes, ao passo que os nossos são, as mais das vezes, somente discordâncias e confusão. Aprendamos, pois, a servir-nos de nossa vontade e, por ela, a unir nossos pensamentos a tudo o que é grande, à harmonia universal, cujas vibrações enchem o espaço e embalam os mundos. **PS**

Texto 57

O Amor

O amor é mais forte do que o ódio, mais poderoso do que a morte. Se o Cristo foi o maior dos missionários e dos profetas, se tanto império teve sobre os homens, foi porque

trazia em si um reflexo mais poderoso do Amor Divino. Jesus passou pouco tempo na Terra; foram bastantes três anos de evangelização para que o seu domínio se estendesse a todas as nações. Não foi pela Ciência nem pela arte oratória que ele seduziu e cativou as multidões; foi pelo amor! Desde sua morte, seu amor ficou no mundo como um foco sempre vivo, sempre ardente. Por isso, apesar dos erros e faltas de seus representantes, apesar de tanto sangue derramado por eles, de tantas fogueiras acesas, de tantos véus estendidos sobre seu ensino, o Cristianismo continuou a ser a maior das religiões; disciplinou, moldou a alma humana, amansou a índole feroz dos bárbaros, arrancou raças inteiras à sensualidade ou à bestialidade.

O Cristo não é o único exemplo a apresentar. Pode-se, de um modo geral, verificar que das almas eminentes se despreendem radiações, eflúvios regeneradores, que constituem uma como atmosfera de paz, uma espécie de proteção, de providência particular. Todos aqueles que vivem sob essa benéfica influência moral sentem uma calma, um sossego de espírito, uma espécie de serenidade que dá um antegoço das quietações celestes. Essa sensação é mais pronunciada ainda nas sessões espíritas dirigidas e inspiradas por almas superiores; nós mesmos o experimentamos muitas vezes em presença das entidades que presidem aos trabalhos do nosso grupo de Tours.

Essas impressões vão-se encontrando cada vez mais vivas à medida que se afastam dos planos inferiores onde reinam as impulsões egoístas e fatais e se sobem os degraus da gloriosa hierarquia espiritual para aproximar-se do Foco Divino; pode-se assim verificar, por uma experiência que vem completar as nossas intuições, que cada alma é um sistema de força e um gerador de amor, cujo poder de ação aumenta com a elevação.

Por isto também se explicam e se afirmam a solidariedade e fraternidade universais. Um dia, quando a verdadeira noção do ser se desembaraçar das dúvidas e incertezas que obsidiam o pensamento humano, compreender-se-á a grande fraternidade que liga as almas. Sentir-se-á que são todas envolvidas pelo magnetismo divino, pelo grande sopro de amor que enche os Espaços.

À parte esse poderoso laço, as almas constituem também agrupamentos separados, famílias que se foram pouco a pouco formando através dos séculos, pela comunidade das alegrias e das dores. A verdadeira família é a do espaço; a da Terra não é mais do que uma imagem daquela, redução enfraquecida, como o são as coisas deste mundo comparadas com as do Céu. A verdadeira família compõe-se dos Espíritos que subiram juntos as ásperas sendas do destino e são feitas para se compreenderem e amarem.

Quem pode descrever os sentimentos ternos, íntimos, que unem esses seres, as alegrias infáveis nascidas da fusão das inteligências e das consciências, a união das almas sob o sorriso de Deus?

Esses agrupamentos espirituais são os centros abençoados onde todas as paixões terrestres se apaziguam, onde os egoísmos se desvanecem, onde os corações se dilatam, onde vêm retemperar-se e consolar-se todos aqueles que têm sofrido, quando, livres pela morte, tornam a juntar-se com os bem-amados, reunidos para festejarem seu regresso.

Quem pode descrever os êxtases que proporciona às almas purificadas, que chegaram às cumeadas luminosas, a efusão nelas do amor divino e os noivados celestes pelos quais dois Espíritos se ligam para sempre no seio das famílias do espaço, reunidas para consagrarem com um rito solene essa união simbólica e indestrutível? Tal é o matrimônio verdadeiro, o das almas irmãs, que Deus reúne eternamente com um fio de ouro. Com essas festas do

amor, os Espíritos que aprenderam a tornar-se livres e a usar de sua liberdade fundem-se num mesmo fluido, à vista comovida de seus irmãos. Daí em diante, seguirão uns aos outros em suas peregrinações através dos mundos; caminharão, de mãos dadas, sorrindo à desgraça e haurindo na ternura comum a força para suportar todos os reveses, todas as amarguras da sorte. Algumas vezes, separados pelos renascimentos, conservarão a intuição secreta de que seu insulamento é apenas passageiro; depois das provas da separação, entreveem a embriaguez do regresso ao seio das imensidades.

Entre os que caminham neste mundo, solitários, entristecidos, curvados sob o fardo da vida, há os que conservam no fundo do coração a vaga lembrança da sua família espiritual. Estes sofrem cruelmente da nostalgia dos Espaços e do amor celeste, e nada entre as alegrias da Terra os pode distrair e consolar. Seu pensamento vai muitas vezes, durante a vigília, e, mais ainda, durante o sono, reunir-se aos seres queridos que os esperam na paz serena do Além. O sentimento profundo das compensações que os aguardam explica sua força moral na luta e sua aspiração para um mundo melhor. A esperança semeia de flores austeras os atalhos que eles percorrem. **PS**

Texto 58

O dever

O dever é o conjunto das prescrições da lei moral, a regra de conduta do homem nas suas relações com seus semelhantes e com o Universo inteiro. Figura nobre e santa, o dever plana acima da Humanidade, inspira os grandes sacrifícios, os puros devotamentos, os belos entusiasmos. Risonho para uns, temível para outros, sempre inflexível, ergue-se diante de nós e nos mostra essa escada do progresso, cujos degraus se perdem nas alturas incomensuráveis.

O dever não é idêntico para todos. Varia segundo nossa condição e nosso saber. Quanto mais nos elevamos, mais ele adquire aos nossos olhos grandeza, majestade, extensão. Seu culto, porém, é sempre agradável ao sábio, e a submissão às suas leis é fértil de alegrias íntimas, às quais nada pode se igualar.

Por mais obscura que seja a condição do homem, por mais humilde que seja sua sorte, o dever domina e enobrece sua vida. Somente ele nos dá essa serenidade de espírito, essa calma interior, mais preciosa do que todos os bens da Terra e que todos nós podemos experimentar, até no meio das provações e dos reveses. Não somos senhores para mudar os acontecimentos e nosso destino deve seguir sua linha rigorosa; mas podemos sempre, mesmo em meio às tormentas, assegurarmos a paz de consciência, o contentamento de nós mesmos, que proporciona o cumprimento do dever.

O sentimento do dever lança raízes profundas em todo espírito elevado que percorre sua estrada sem-esforços; por uma tendência natural, resultado dos progressos adquiridos, afasta as coisas vis e orienta para o bem os impulsos do seu ser. O dever torna-se, portanto, uma obrigação de todos os instantes, a condição mesma da existência, uma potência à qual se sente indissolivelmente ligado, na vida como na morte.

O dever tem formas múltiplas. Há o dever para conosco, que consiste em respeitarmos, em governarmos-nos com sabedoria, a querer, a realizar apenas o que é digno, útil e belo. Há o dever profissional, que exige que cumpramos, com consciência, as obrigações a nosso cargo. Há o dever social, que nos convida a amar os homens, a trabalhar por eles, a servir ao

nosso país e à Humanidade. Há o dever para com Deus. O dever não tem limites. Pode-se sempre fazer melhor, e é na imolação de si mesmo que o ser encontra o meio mais seguro de se engrandecer e de se depurar.

Aquele que soube compreender todo o alcance moral do ensino dos espíritos tem uma concepção mais elevada ainda do dever. Sabe que a responsabilidade é proporcional ao saber, que a posse dos segredos de além-túmulo lhe impõe a obrigação de trabalhar com mais energia em seu melhoramento e no de seus irmãos. As vozes do Alto nele fizeram vibrar ecos, despertaram forças que dormiam na maioria dos homens; solicitam-no poderosamente na sua marcha ascensional. Um nobre ideal estimula-o e atormenta-o simultaneamente, faz dele motivo de risadas dos maus, mas não o trocaria por todos os tesouros de um império.

A prática da caridade tornou-se-lhe fácil. Ensinou-lhe a desenvolver suas sensibilidades e suas qualidades afetivas. Compassivo e bom sofre todos os males da Humanidade; quer espalhar sobre todos seus companheiros de infortúnio as esperanças que o sustentam; gostaria de enxugar todas as lágrimas, pensar todas as chagas, suprimir todas as dores.

A prática constante do dever leva-nos ao aperfeiçoamento. Para acelerá-lo, convém, primeiro, estudar a nós mesmos com atenção, submeter nossos atos a um controle escrupuloso. Não se poderia remediar o mal sem identificá-lo.

Podemos até estudar-nos nos outros homens. Se algum vício, algum defeito deplorável neles choca-nos, procuremos, com cuidado, saber se não existe em nós um germen idêntico e, descobrindo-o em nós, apliquemo-nos em extirpá-lo.

Consideremos nossa alma naquilo que, realmente, ela é, quer dizer, uma obra admirável, mas muito imperfeita, cujo dever é o de embelezá-la e orná-la incessantemente. Esse pensamento de nossa imperfeição tornar-nos-á mais modestos, afastará de nós a presunção, a tola vaidade.

Submetamo-la a uma disciplina rigorosa. Como se dá ao arbusto a forma e a direção convenientes, podemos, também, regular as tendências do nosso ser moral. O hábito do bem torna sua prática fácil. Apenas os primeiros esforços são penosos. Aprendamos, antes de tudo, a nos dominar. As impressões são fugidias e passageiras; a vontade é o fundamento sólido da alma. Saibamos governar essa vontade, dominar nossas impressões, jamais deixarmo-nos dominar por elas.

O homem não deve isolar-se de seus semelhantes. Importa, todavia, escolher suas relações, seus amigos, procurar viver num meio honesto e puro, onde só reinem boas influências, onde só irradiem fluidos calmos e benévolos.

Evitemos as conversações frívolas, os propósitos ociosos, que levam à maledicência. Qualquer que possa ser o resultado, digamos sempre a verdade. Retemperemo-nos, com frequência, no estudo e no recolhimento. A alma, nele, encontra novas forças e novas luzes. Possamos dizer-nos ao final de cada dia: Fiz algo de útil, tive algum sucesso sobre mim mesmo, socorri, consolei infelizes, esclareci meus irmãos, trabalhei para torna-los melhores; cumpri meu dever! **DM**

Texto 59

Orgulho

De todos os vícios, o mais terrível é o orgulho, pois semeia, na sua passagem, os germens de quase todos os outros vícios. Desde que tenha penetrado numa alma, assim como numa praça conquistada, estabelece-se como senhor, instala-se, aí, à vontade, fortifica-se ao ponto de se tornar inexpugnável. É a hidra monstruosa, sempre a procriar e cujos rebentos são monstruosos como ela.

Infeliz do homem que se deixou apanhar pelo orgulho! Só poderá libertar-se ao preço de terríveis lutas, depois de dolorosas provações, de existências obscuras, de um futuro todo de rebaixamento e de humilhação, pois aí está o único remédio eficaz para os males que o orgulho engendra.

Esse vício é o maior flagelo da Humanidade. Dele procedem todas as discórdias da vida social, as rivalidades de classes e de povos, as intrigas, o ódio e a guerra. Inspirador das loucas ambições, o orgulho tem coberto a Terra de sangue e de ruínas; e é ainda ele que causa nossos sofrimentos de além-túmulo, pois seus efeitos estendem-se além da morte, até sobre nossos destinos longínquos.

O orgulho desvia-nos não apenas do amor dos nossos semelhantes, mas torna qualquer aperfeiçoamento impossível, enganando-nos sobre nosso valor, cegando-nos sobre nossos defeitos. Apenas um exame rigoroso dos nossos atos e dos nossos pensamentos nos permitirá nos reformarmos. Mas como o orgulhoso submeter-se-ia a esse exame? De todos os homens é aquele que menos se conhece. Vaidoso de sua pessoa, nada pode alcança-lo, pois afasta, com cuidado, o que poderia esclarecê-lo; odeia a contradição e apenas se compraz no convívio dos adulares.

Como o verme que corrói um belo fruto, o orgulho corrompe as obras mais meritórias. Às vezes, ele as torna mesmo prejudiciais àquele que as executa. O bem feito com ostentação, com o secreto desejo de ser aplaudido, glorificado, volta-se contra seu autor. Na vida espiritual, as intenções, os móveis ocultos que nos inspiram reaparecem como outras tantas testemunhas; oprimem o orgulhoso e reduzem a nada seus méritos ilusórios.

O orgulho esconde-nos toda verdade. Para estudar frutuosamente o Universo e suas leis, é preciso, antes de tudo, a simplicidade, a sinceridade, a equidade do coração e do espírito, virtudes desconhecidas do orgulhoso. O pensamento de que tantos seres e coisas nos dominam é-lhe insuportável e ele o repele. Seus julgamentos são para ele os limites do possível; dificilmente decide-se a admitir que seu saber e sua compreensão sejam limitados.

O homem simples, humilde de coração, rico em qualidades morais, chegará mais depressa à verdade, apesar da possível inferioridade de suas faculdades, do que o presunçoso, vaidoso de sua ciência terrestre, revoltado contra a lei que o rebaixa e destrói o seu prestígio. Um pouco de sabedoria e de reflexão nos preservaria desses males. Como podemos nos deixar invadir e dominar pelo orgulho, quando basta nos considerar para ver o pouco que nós somos? Será o nosso corpo, nossos encantos físicos que nos inspiram a vaidade? A beleza é passageira; uma só doença pode destruí-la. Cada dia, o tempo opera sua obra; ainda alguns passos na vida e todas essas vantagens estarão desbotadas, fenecidas; nosso corpo será apenas uma coisa repugnante. — Será a nossa superioridade sobre a Natureza? Se o mais poderoso, o mais bem dotado de nós for transportado a um deserto onde deverá bastar-se; se afrontar

os elementos desencadeados; se, isolado, expuser-se às cóleras do oceano, em meio aos furores do vento, das ondas ou dos fogos subterrâneos, sua fraqueza revelar-se-á! **DM**

Texto 60

O egoísmo

O egoísmo é irmão do orgulho e procede das mesmas causas. É uma das mais terríveis doenças da alma, o maior obstáculo aos aperfeiçoamentos sociais. Por si só neutraliza, torna estéreis quase todos os esforços do homem para o bem. Assim, o combate deve ser a preocupação constante de todos os amigos do progresso, de todos os servidores da justiça.

O egoísmo é a persistência desse individualismo feroz que caracteriza o animal, como um vestígio desse estado de inferioridade que já experimentamos. Mas o homem é, antes de tudo, um ser social; destinado a viver com seus semelhantes e nada pode sem eles. Abandonado a si mesmo, seria impotente para satisfazer suas necessidades, desenvolver suas qualidades.

Depois de Deus, é à sociedade que deve todos os benefícios da existência, todas as vantagens da civilização.

Dela desfruta; mas, precisamente esse gozo, essa participação nos frutos da obra comum, impõem-lhe o dever de cooperar na própria obra. Uma estreita solidariedade liga-o a essa sociedade; deve a ela, como ela lhe deve. Permanecer inativo, improdutivo, inútil, no meio do trabalho de todos, seria um ultraje à moral, quase um roubo; seria aproveitar-se dos labores de outrem, aceitar um empréstimo que se recusa a restituir.

Somos parte integrante da sociedade e tudo o que a atinge, atinge-nos. É nessa compreensão do laço social, da lei de solidariedade, que se mede a dose de egoísmo que está em nós. Aquele que sabe viver nos seus semelhantes e pelos semelhantes não tem que temer os golpes desse flagelo. Possui um critério infalível para julgar sua conduta. Nada faz sem pesquisar, se aquilo que produz é bom ou mau para aqueles que o cercam, sem se perguntar se seus atos são nocivos ou proveitosos para essa sociedade da qual é membro. Se parecem vantajosos apenas para si e prejudiciais aos outros, sabe que, na realidade, eles são maus para todos e deles se abstém, escrupulosamente.

Não nos sentemos jamais a uma mesa bem servida sem pensar naqueles que sofrem de fome. Esse pensamento tornar-nos-á mais sóbrios, comedidos nos nossos apetites e gostos. Pensemos nos milhões de homens curvados sob os ardores do estio ou sob as duras intempéries e que, em troca de um magro salário, retiram do solo os produtos que alimentam nossos festins e enfeitam nossas residências. Lembremo-nos de que, para iluminar nossa casa com uma luz resplandecente, para fazer jorrar nos nossos lares a chama benfeitora, homens, nossos semelhantes, capazes como nós de amar, de sentir, trabalham sob a terra, longe do céu azul e do alegre Sol, e, de picareta em punho, perfuram durante toda sua vida as entranhas da terra. Saibamos que, para ornar nossos salões de espelhos de cristais brilhantes, para produzir os inumeráveis objetos dos quais se compõem nosso bem-estar, outros homens, aos milhares, semelhantes a réprobos na fornalha, passam sua existência no calor calcinante dos altos fornos das fundições, privados do ar, extremados, consumidos antes do tempo, não tendo como perspectiva senão uma velhice desnudada e sofredora. Saibamos que, todo esse conforto do qual desfrutamos com indiferença é comprado com o suplício dos humildes e o

esmagamento dos pequenos. Que esse pensamento penetre em nós, nos persiga, obsedie; como uma espada de fogo, ele expulsará o egoísmo dos nossos corações e forçar-nos-á a consagrar os nossos bens, nossos lazeres, nossas faculdades ao aperfeiçoamento do destino dos fracos. **DM**

Texto 61

O estudo

O estudo é a fonte de suaves e nobres prazeres; liberta-nos das preocupações vulgares e nos faz esquecer as tribulações da vida. O livro é um amigo sincero, bem-vindo tanto nos dias felizes quanto nos dias ruins. Referimo-nos ao livro sério, útil, que instrui, consola, anima e não ao livro frívolo que diverte e, com frequência, desmoraliza. Não nos compenetrámos o bastante sobre o verdadeiro caráter do bom livro. É como uma voz que nos fala através dos tempos e relatando-nos os trabalhos, as lutas, as descobertas daqueles que nos precederam no caminho da vida e, em nosso proveito, aplainaram as asperezas.

Não será uma das raras felicidades desse mundo poder comunicar-se pelo pensamento com os grandes espíritos de todos os séculos e de todos os países? Eles puseram no livro o melhor da sua inteligência e do seu coração. Conduzem-nos pela mão através dos dédalos da História; guiam-nos para as altas regiões da Ciência, da Arte, da Literatura. Ao contato dessas obras que constituem os mais preciosos bens da Humanidade, compulsando esses arquivos sagrados, sentimo-nos engrandecer, sentimo-nos orgulhosos de pertencer às raças que produziram tais gênios. A irradiação de seu pensamento estende-se sobre nossas almas, reaquece-as, exalta-as.

Saibamos escolher bons livros e habituemo-nos a viver no meio deles, em relação constante com os espíritos de escol. Rejeitemos, com cuidado, os livros ignóbeis, escritos para lisonjear as paixões vis. Acautelemo-nos dessa literatura relaxada, fruto do sensualismo, que espalha atrás de si a corrupção e a imoralidade.

A maioria dos homens diz amar o estudo e objeta que lhe falta tempo para a isso se dedicar. Entretanto, muitos deles, consagram noites inteiras ao jogo, às conversações ociosas. Replica-se, também, que os livros custam caro e, entretanto, despende-se em prazeres fúteis e de mau gosto mais dinheiro do que seria necessário para se compor uma rica coleção de obras. E, além disso, o estudo da Natureza, o mais eficaz, o mais reconfortante de todos, não custa nada. **DM**

Texto 62

O homem tem tanta necessidade de uma crença como de uma pátria, como de um lar.

[...] Onde, porém, encontrará o homem a segura rota que o conduza a Deus? Onde haurir a inabalável convicção que, de estádio em estádio, o guiará através dos tempos e do espaço, para o supremo fim das existências? Qual será, numa palavra, a crença do futuro?

As formas materiais e transitórias da religião passam, mas a vida religiosa, a crença pura, desembaraçada de todas as formas inferiores é, em sua essência, indestrutível. O ideal religioso evoloverá, como todas as manifestações do pensamento. Ele não poderia escapar à lei do progresso que rege os seres e as coisas.

A futura fé que já emerge dentre as sombras não será nem católica nem protestante; será a crença universal das almas, a que reina em todas as sociedades adiantadas do espaço, e mediante a qual cessará o antagonismo que separa a ciência atual da religião. Porque, com ela, a ciência tornar-se-á religiosa, e a religião se há de tornar científica. **CE**

Texto 63

O patriotismo está fadado a desaparecer? Em sua noção exclusiva e de rivalidade, sim; em sua noção história e íntima, não. Há um patriotismo estreito e feroz que é o egoísmo dos povos. Esse deve perecer. Por que um homem vive aquém da fronteira e outro, além, não se segue que se devam odiar, combater-se, matar-se. Mas há um patriotismo que cada homem traz em seu coração, que é feito de emoções íntimas, de alegrias e de dores comuns, de lembranças sagradas, isso não morrerá jamais; faz parte integrante da consciência humana. **SD**

Texto 64

Pergunta-se, às vezes, se a religião é necessária. A religião (do latim *religare*, religar, unir) bem compreendida, deveria ser um laço unindo os homens entre si e unindo-os através de um mesmo pensamento ao princípio superior das coisas. Há na alma um sentimento natural que a leva em direção a um ideal de perfeição no qual se identifica o Bem e a Justiça. Se ela fosse esclarecida pela Ciência, fortificada pela razão, apoiada na liberdade de consciência, esse sentimento, o mais nobre que se pode experimentar, tornar-se-ia o móvel de grandes e generosas ações; mas embaciado, falseado, materializado, tornou-se muito frequentemente um instrumento de dominação egoísta, pelos cuidados da teocracia.

A religião é necessária e indestrutível, pois ela haure sua razão de ser na própria natureza do ser humano, da qual resume e exprime as aspirações elevadas. Ela é, também, a expressão das leis eternas, e, nesse ponto de vista, deve se confundir com a Filosofia, que faz passar do domínio da teoria ao da execução, e torna-se viva e operante.

Mas, para exercer uma influência salutar, para voltar a ser um móvel de elevação e de progresso, a religião deve despojar-se dos disfarces de que se revestiu através dos séculos. O que deve desaparecer, não é o seu princípio, são, com os mitos obscuros, as formas exteriores e materiais. É preciso ter o cuidado de não confundir coisas tão dessemelhantes.

A verdadeira religião não é uma manifestação exterior, é um sentimento, e é no coração humano que está o verdadeiro templo do Eterno. A verdadeira religião não poderia ser limitada a regras, nem ritos acanhados. Não tem necessidade nem de fórmulas nem de imagens; ela pouco se importa com os simulacros e formas de adoração, e só julga os dogmas pela sua influência sobre o aperfeiçoamento das sociedades. A verdadeira religião abrange todos os cultos, todos os sacerdócios, eleva-se acima deles e lhes diz: A verdade é mais alta!

Deve-se compreender, entretanto, que todos os homens não estão no estado de atingir esses cumes intelectuais. É por isso que a tolerância e a benevolência se impõem. Se o dever nos convida a desligar os bons espíritos dos aspectos vulgares da religião, é preciso abster-nos de lançar pedras às almas sofredoras, banhadas em lágrimas, incapazes de assimilar noções abstratas, e que encontram na sua fé inocente sustento e reconforto. **DM**

Texto 65

Entretanto, na falta de sábios oficiais, a França possuía um homem que devia ter um papel considerável, universal, no advento do Espiritismo.

Allan Kardec, depois de haver estudado durante dez anos através do método positivo, com uma razão esclarecida e uma paciência infatigável, as experiências feitas em Paris; depois de ter recolhido os testemunhos e informações que lhe vieram de todos os pontos do globo, coordenou esse conjunto de fatos, daí deduzindo os princípios gerais e compondo todo um corpo de doutrina, contido em cinco volumes, cujo sucesso foi tal, que alguns dentre eles ultrapassam sua trigésima edição. São: *O Livro dos Espíritos* (parte filosófica), *O Livro dos Médiuns* (parte científica), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (parte moral), *O Céu e o Inferno Segundo o Espiritismo*, *A Gênese*.

Allan Kardec fundou a *Revista Espírita*, que se tornou o órgão, o traço de união dos espíritas do mundo inteiro, e na qual pode-se acompanhar a evolução lenta, progressiva, dessa revelação moral e científica.

A obra de Allan Kardec é, então, o resumo dos ensinamentos comunicados aos homens pelos espíritos, num número considerável de grupos espalhados por todos os pontos da Terra, durante um período de vinte anos.

Essas comunicações nada têm de sobrenatural, já que os espíritos são seres semelhantes a nós, submetidos como nós às leis da Natureza e, como nós, revestidos de um corpo sutil, é verdade, mais etéreo que o corpo carnal e apenas perceptível aos nossos sentidos em condições determinadas.

Allan Kardec, como escritor, mostrou-se de uma clareza perfeita e de uma lógica rigorosa. Todas as suas deduções repousam sobre fatos experimentados, atestados por milhares de testemunhas. Ao seu chamado, a Filosofia desce das alturas abstratas onde reinava, faz-se simples, popular, acessível a todos. Despojada das suas formas envelhecidas, ao alcance das mais humildes inteligências, traz esperança, consolação e luz aos que procuram e aos que sofrem, demonstrando a persistência da vida além-túmulo.

A doutrina de Allan Kardec, nascida — não seria demais repeti-lo, da observação metódica, a experiência rigorosa, não pode tornar-se um sistema definitivo, imutável, fora e acima das futuras conquistas da Ciência. Resultado combinado dos conhecimentos de dois mundos, de duas humanidades penetrando-se uma na outra, mas que são todas duas imperfeitas e todas duas em marcha para a verdade e para o desconhecido, a Doutrina dos espíritos transforma -se, incessantemente, pelo trabalho e o progresso e, embora superior a todos os sistemas, a todas as filosofias do passado, permanece aberta às retificações, aos esclarecimentos do futuro. **DM**

Texto 66

É pouco provável que os primeiros homens pudessem ter chegado, espontaneamente e só com o auxílio dos próprios recursos mentais, à noção de leis e mesmo às primeiras formas de civilização. Consciente ou não, a comunhão entre a Terra e o espaço tem existido sempre. **PS**

Texto 67

Pergunta-se muitas vezes se a cremação é preferível ao sepultamento, sob o ponto de vista da separação do Espírito. Os Invisíveis, consultados, respondem que, em tese geral, a cremação provoca desprendimento mais rápido, mais brusco e violento, doloroso mesmo para a alma apegada à Terra por seus hábitos, gostos e paixões. É necessário certo arrebatamento psíquico, certo desapego antecipado dos laços materiais, para sofrer sem dilaceração a operação crematória. É o que se dá com a maior parte dos orientais, entre os quais está em uso a cremação. Em nossos países do Ocidente, em que o homem psíquico está pouco desenvolvido, pouco preparado para a morte, o sepultamento deve ser preferido, embora dê origem, por vezes, a erros deploráveis, por exemplo, o enterramento de pessoas em estado de letargia. Deve ser preferido porque permite ao Espírito ainda apegado à matéria desprender-se lenta e gradualmente do corpo físico; mas precisa ser rodeado de grandes precauções; os sepultamentos são, entre nós, feitos com muita precipitação. **PS**

Texto 68

Todo Espírito que deseja progredir, trabalhando na obra de solidariedade universal, recebe dos Espíritos mais elevados uma missão particular apropriada às suas aptidões e ao seu grau de adiantamento.

Uns têm por tarefa receber os homens em seu regresso à vida espiritual, ajuda-los a se desembaraçarem dos fluidos espessos que os envolvem; outros são encarregados de consolar, instruir as almas sofredoras e atrasadas. Espíritos químicos, físicos, naturalistas, astrônomos, prosseguem suas investigações, estudam os mundos, suas superfícies, suas profundezas ocultas, atuam em todos os lugares sobre a matéria sutil, que fazem passar por preparações, por modificações destinadas a obras que a imaginação humana teria dificuldades em conceber; outros se aplicam às artes, ao estudo do belo sob todas as suas formas; Espíritos menos adiantados assistem os primeiros nas suas tarefas variadas e servem-lhes de auxiliares.

Grande número de Espíritos consagra-se aos habitantes da Terra e dos outros planetas, estimulando-os em seus trabalhos, fortalecendo os ânimos abatidos, guiando os hesitantes pelo caminho do dever. Aqueles que exerceram a Medicina e possuem o segredo dos fluidos curativos, reparadores, ocupam-se mais especialmente dos doentes. Mais bela dentre todas é a missão dos Espíritos de luz. Descem dos espaços celestes para trazer às humanidades os tesouros da sua ciência, da sua sabedoria, do seu amor. A sua tarefa é um sacrifício constante, porque o contacto dos mundos materiais é penoso para eles; mas afrontam todos os sofrimentos por dedicação aos seus protegidos, para os assistirem nas suas provações e infiltrarem em seus corações as grandes e generosas intuições. É justo atribuir-lhes os lampejos de inspiração que iluminam o pensamento, as expansões da alma, a força moral que nos sustenta nas dificuldades da vida. Se soubéssemos a quantos constrangimentos se impõem esses nobres Espíritos para chegarem até nós, corresponderíamos melhor a suas solicitações, empregariamos esforços enérgicos para nos desapegarmos de tudo o que é vil e impuro, unindo-nos a eles na comunhão divina. **PS**

Texto 69

Em circunstâncias difíceis de minha vida, quando hesitava entre resoluções contrárias a respeito da tarefa que me foi confiada, de difundir as verdades consoladoras do Neo-Espiritualismo, apelando para a Entidade Suprema, ouvia sempre ressoar em mim uma voz grave e solene que me ditava o dever. Clara e distinta, contudo, essa voz parecia provir de um ponto muito distante. Seu acento de ternura enternecia-me até às lágrimas. **PS**

Texto 70

Tudo o que vive neste mundo, natureza, animal, homem, sofre e, todavia, o amor é a lei do universo e por amor foi que Deus formou os seres. Contradição aparentemente horrível, problema angustiante, que perturbou tantos pensadores e os levou à dúvida e ao pessimismo.

O animal está sujeito à luta ardente pela vida. Entre as ervas do prado, as folhas e a ramaria dos bosques, nos ares, no seio das águas, por toda parte desenrolam-se dramas ignorados. Em nossas cidades prossegue sem cessar a hecatombe de pobres animais inofensivos, sacrificados às nossas necessidades ou entregues nos laboratórios ao suplício da vivisseção.

Quanto à humanidade, sua história não é mais que um longo martirólogo. Através dos tempos, por cima dos séculos, rola a triste melopeia dos sofrimentos humanos; o lamento dos desgraçados sobe com uma intensidade dilacerante, que tem a regularidade de uma vaga.

A dor segue todos os nossos passos; espreita-nos em todas as voltas do caminho. E diante dessa esfinge que o fita com seu olhar estranho, o homem faz a eterna pergunta: Por que existe a dor?

É, no que lhe concerne, uma punição, uma expiação, como o dizem alguns?

É a reparação do passado, o resgate das faltas cometidas?

Fundamentalmente, a dor é uma lei de equilíbrio e educação. Sem dúvida, as falhas do passado recaem sobre nós com todo o seu peso e determinam as condições de nosso destino. O sofrimento, muitas vezes, não é mais do que a repercussão das violações da ordem eterna cometidas; mas, sendo partilha de todos, deve ser considerado como necessidade de ordem geral, como agente de desenvolvimento, condição do progresso. Todos os seres têm de, por sua vez, passar por ele. Sua ação é benfazeja para quem sabe compreendê-lo; mas, somente podem compreendê-lo aqueles que lhe sentiram os poderosos efeitos.

[...] O sofrimento nos animais é já um trabalho de evolução para o princípio de vida que existe neles; adquirem, por esse modo, os primeiros rudimentos de consciência; e o mesmo sucede com o ser humano nas suas reencarnações sucessivas. Se, desde as primeiras estadas na Terra, a alma vivesse livre de males, ficaria inerte, passiva, ignorante das coisas profundas e das forças morais que nela jazem. **PS**

Texto 71

É necessário sofrer para adquirir e conquistar. Os atos de sacrifício aumentam as radiações psíquicas. Há como que uma esteira luminosa que segue, no espaço, os Espíritos dos heróis e dos mártires.

Aqueles que não sofreram mal podem compreender essas coisas, porque neles só a superfície do ser está arroteada, valorizada. Há falta de largueza em seus corações, de efusão em seus sentimentos; seu pensamento abrange horizontes acanhados. São necessários os infortúnios e as angústias para dar à alma seu aveludado, sua beleza moral, para despertar seus sentidos adormecidos. A vida dolorosa é um alambique onde se destilam os seres para mundos melhores. A forma, como o coração, tudo se embeleza por ter sofrido. Há, já nesta vida, um não sei quê de grave e enternecido nos rostos que as lágrimas sulcaram muitas vezes. Tomam uma expressão de beleza austera, uma espécie de majestade que impressiona e seduz.

Michelangelo adotara como norma de proceder os preceitos seguintes: “Concentra-te e faz como o escultor faz à obra que quer aformosear. Tira o supérfluo, aclara o obscuro, difunde a luz por tudo e não largues o cinzel.”

Máxima sublime, que contém o princípio de todo o aperfeiçoamento íntimo. Nossa alma é nossa obra, com efeito, obra capital e fecunda, que sobrepuja em grandeza todas as manifestações parciais da arte, da ciência, do gênio.

Todavia, as dificuldades da execução são correlativas ao esplendor do objetivo e, diante da penosa tarefa da reforma interior, do combate incessante travado com as paixões, com a matéria, quantas vezes o artista não desanima? Quantas vezes não abandona o cinzel? É então que Deus lhe envia um auxílio – a dor! Ela cava ousadamente nas profundezas da consciência aonde o trabalhador hesitante e inábil não podia ou não sabia chegar; desobstrui-lhe os recessos, modela-lhe os contornos; elimina ou destrói o que era inútil ou ruim e, do mármore frio, informe, sem beleza, da estátua feia e grosseira, que nossas mãos mal tinham esboçado, faz surgir com o tempo a estátua viva, a obra-prima incomparável, as formas harmoniosas e suaves da divina Psique. **PS**

Texto 72

A dor não fere somente os culpados. Em nosso mundo, o homem honrado sofre tanto quanto o mau, o que é explicável. Em primeiro lugar, a alma virtuosa é mais sensível por ser mais adiantado o seu grau de evolução; depois, estima muitas vezes e procura a dor, por lhe conhecer todo o valor.

Há dessas almas que só vêm a este mundo para dar o exemplo da grandeza no sofrimento; são, por sua vez, missionários e sua missão não é menos bela e comovedora que a dos grandes reveladores. Encontram-se em todos os tempos e ocupam todos os planos da vida; estão em pé nos cimos resplandecentes da História e para procurá-las é preciso ir procurá-las no meio da multidão onde se acham, escondidas e humildes.

Admiramos o Cristo, Sócrates, Antígono, Joana d’Arc; mas quantas vítimas obscuras do dever ou do amor caem todos os dias e ficam sepultadas no silêncio e no esquecimento! Entretanto, não são perdidos seus exemplos; eles iluminam toda a vida dos poucos homens que os presenciaram. **PS**

Texto 73

Para quem quer que observe atentamente as coisas, os tempos que vivemos estão carregados de ameaças. Parece brilhante a nossa civilização e, todavia, quantas manchas lhe obscurecem o esplendor! O bem-estar e a riqueza se têm espalhado, mas é acaso por suas

riquezas que uma sociedade se engrandece? O objetivo do homem na terra é, porventura, levar uma vida faustosa e sensual? Não! Um povo não é grande, um povo não se eleva senão pelo trabalho, pelo culto da justiça e da verdade.

Em que se tornaram as civilizações do passado, aquelas em que o indivíduo não se preocupava senão com o corpo, com as suas necessidades e as suas fantasias? Acham-se em ruínas; estão mortas. **CE**

Texto 74

Veio Jesus, espírito poderoso, divino missionário, médium inspirado. Veio, encarnando-se entre os humildes, a fim de dar a todos o exemplo de uma vida simples e, entretanto, cheia de grandeza – vida de abnegação e sacrifício, que devia deixar na Terra impagáveis traços.

A grande figura de Jesus ultrapassa todas as concepções do pensamento. Eis por que não a pode ter sido criada pela imaginação. Nessa alma, de uma serenidade celeste, não se nota mácula nenhuma, nenhuma sombra. Todas as perfeições nela se fundem, com uma harmonia tão perfeita que se nos afigura o ideal realizado.

[...] O que Jesus chamava pregar aos simples “o evangelho do reino dos céus”, era pôr ao alcance de todos o conhecimento da imortalidade e do Pai comum, do Pai cuja voz se faz ouvir na serenidade da consciência e na paz do coração. **CE**

Texto 75

Se os Evangelhos são aceitáveis em muitos pontos, é, todavia, necessário submeter o seu conjunto à inspeção do raciocínio. Todas as palavras, todos os fatos que neles estão consignados não poderiam ser atribuídos ao Cristo.

Através dos tempos que separam a morte de Jesus da redação definitiva dos Evangelhos, muitos pensamentos sublimes foram esquecidos, muitos fatos contestáveis aceitos como reais, muitos preceitos, mal interpretados, desnaturaram o ensino primitivo. Para servir às conveniências de uma causa, foram decotados os mais belos, os mais opulentos ramos dessa árvore de vida. Sufocaram, antes do seu desabrochar, os fortalecedores princípios que teriam conduzido os povos à verdadeira crença, à que eles hoje em dia inda procuram.

[...] Entretanto, a despeito de todas essas vicissitudes, não hesitamos em admitir a autenticidade dos Evangelhos em seus primitivos textos. A palavra do Cristo aí se ostenta poderosa; toda dúvida se desvanece à fulguração da sua personalidade sublime. Sob o sentido adulterado, ou oculto, sente-se palpitar a força da primitiva ideia. Aí se revela a mão do grande semeador. Na profundidade desses ensinamentos, unidos à beleza moral e ao amor, sente-se a obra de um enviado celeste.

É com o auxílio dos esclarecimentos trazidos por essa nova revelação, científica e, ao mesmo tempo, filosófica, já espalhada em todo o mundo sob o nome de Espiritismo, ou moderno Espiritualismo, que procuraremos escoimar a doutrina de Jesus das obscuridades em que o trabalho dos séculos a envolveu. Chegaremos, assim, à conclusão de que essa doutrina é simplesmente à volta ao Cristianismo primitivo, sob mais precisas formas, com um imponente cortejo de provas experimentais, que tornará impossível todo monopólio, toda reincidência nas causas que desnaturaram o pensamento de Jesus. **CE**

Texto 76

Qual a verdadeira doutrina do Cristo? Os seus princípios essenciais acham-se claramente enunciados no Evangelho. É a paternidade universal de Deus e a fraternidade dos homens, com as conseqüências morais que daí resultam; é a vida imortal a todos franqueada e que a cada um permite em si próprio realizar “o reino de Deus”, isto é, a perfeição, pelo desprendimento dos bens materiais, pelo perdão das injúrias e o amor ao próximo.

[...] O que Jesus quer não é um culto faustoso, não é umas religiões sacerdotais, opulentas de cerimônias e práticas que sufocam o pensamento, não; é um culto simples e puro, todo de sentimento, consistindo na relação direta, sem intermediário, da consciência humana com Deus, que é seu Pai. **CE**

Texto 77

Jesus é um desses divinos missionários e é de todos o maior. Destituído da falsa auréola da divindade, mais imponente nos parece ele. Seus sofrimentos, seus desfalecimentos, sua resignação, deixam-nos quase insensíveis, se oriundos de um Deus, mas tocam-nos, comovem-nos profundamente em um irmão. Jesus é, de todos os filhos dos homens, o mais digno de admiração. É extraordinário no sermão da montanha, em meio à turba dos humildes. É maior ainda no Calvário, quando a sombra da cruz se estende sobre o mundo, na tarde do suplício.

Nele vemos o homem que ascendeu à eminência final da evolução, e neste sentido é que se lhe pode chamar deus, assim conciliando os apologistas da sua divindade com os que a negam. A humanidade e a divindade do Cristo representam os extremos de sua individualidade, como o são para todo ser humano. Ao termo de nossa evolução, cada qual se tornará um “Cristo”, será um com o Pai e terá alcançado a condição divina.

A passagem de Jesus pela Terra, seus ensinamentos e exemplos, deixaram traços indeléveis; sua influência se estenderá pelos séculos vindouros. Ainda hoje, ele preside aos destinos do globo em que viveu, amou, sofreu. Governador espiritual deste planeta, veio, com seu sacrifício, encarrear-lo para a senda do bem e é sob a sua direção oculta e com o seu apoio que se opera essa nova revelação, que, sob o nome de moderno espiritualismo, vem restabelecer sua doutrina, restituir aos homens o sentimento dos próprios deveres, o conhecimento de sua natureza e dos seus destinos. **CE**

Texto 78

Não, a missão do Cristo não era resgatar com o seu sangue os crimes da Humanidade. O sangue, mesmo de um Deus, não seria capaz de resgatar ninguém. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo, resgatar-se da ignorância e do mal. Nada de exterior a nós poderia fazê-lo. É o que os Espíritos, aos milhares, afirmam em todos os pontos do mundo. Das esferas de luz, onde tudo é serenidade e paz, desceu o Cristo às nossas obscuras e tormentosas regiões, para mostrar-nos o caminho que conduz a Deus: tal o seu sacrifício. A efusão de amor em que envolve os homens, sua identificação com eles, nas alegrias como nos sofrimentos, constituem a redenção que nos oferece e que somos livres de aceitar. Outros, antes dele, haviam induzido os povos ao caminho do bem e da verdade. Nenhum o fizera com a singular

doçura, com a ternura penetrante que caracteriza o ensino de Jesus. Nenhum soube, como ele, ensinar a amar as virtudes modestas e escondidas. Nisso reside o poder, a grandeza moral do Evangelho, o elemento vital do Cristianismo, que sucumbe ao peso dos estranhos dogmas de que o cumularam. **CE**

Texto 79

Realmente, Satanás não passa de alegoria. Satanás é o símbolo do mal. O mal, porém, não é um princípio eterno, coexistente com o bem. Há de passar. O mal é o estado transitório dos seres em via de evolução.

Não há nem lacuna nem imperfeição no Universo. A obra divina é harmônica e perfeita. Dessa obra o homem não vê senão um fragmento e, todavia, pretende julgá-la através de suas acanhadas percepções. O homem, na vida presente, não é mais que um ponto no tempo e no espaço. Para julgar a Criação, ser-lhe-ia preciso abrangê-la inteiramente, medir a escala dos mundos que é chamado a percorrer e a sucessão das existências que o aguardam no seio dos séculos por vir. Esse vasto conjunto escapa às suas concepções; daí os seus erros; daí a deficiência de suas apreciações.

Quase sempre o que chamamos o mal é apenas o sofrimento; mas este é necessário, porque só ele conduz à compreensão. Por ele aprende o homem a diferenciar, a analisar suas sensações.

A alma é uma centelha projetada do eterno foco criador. É pelo sofrimento que ela atinge a plenitude do seu brilho, a plena consciência de si mesma. A dor é como a sombra que faz sobressair e apreciar a luz. Sem a noite, acaso contemplaríamos as estrelas? A dor quebra as algemas das fatalidades materiais e franqueia à alma evasões para a vida superior. **CE**

Texto 80

No desenvolvimento deste estudo aconteceu-nos muitas vezes confrontar as doutrinas da Igreja Romana com as do Protestantismo e fazer sobressair, em certos pontos, a superioridade destas últimas. Daí, segue-se que consideremos o Protestantismo a mais perfeita das religiões? Tal não é o nosso pensamento.

O Protestantismo, em seu culto e prédicas, aproxima-se vantajosamente, é certo, da simplicidade e das concepções dos primeiros cristãos. Não despreza a razão, como faz o Catolicismo, mas, ao contrário, respeita-a, apoia-se nela. Sua moral é mais pura e a sua organização sem fausto e aparato. Suprime a hierarquia sacerdotal, o culto à Virgem e aos santos, as práticas fastidiosas, as longas orações, os rosários, os bentinhos, todo o arsenal pueril da devoção católica. O pastor não é mais que um professor de moral, encarregado de presidir às cerimônias religiosas, reduzidas ao batismo, à comunhão e à prédica, a abençoar os casamentos, assistir os pobres, os enfermos e os moribundos.

O Protestantismo estabelece o livre-exame, a livre interpretação das Escrituras. Com isso desenvolve o entendimento e favorece a instrução, em todos os tempos considerada perigosa pela Igreja Romana. O protestante se mantém, portanto, livre e aprende a dirigir-se por si mesmo, ao passo que o católico abdica sua razão e sua liberdade nas mãos do sacerdote.

Entretanto, por maior que seja a obra da reforma do século XVI, ela não poderia satisfazer as necessidades atuais do pensamento. O Protestantismo conservou, da bagagem

dogmática da Idade Média, muitas coisas inaceitáveis. A autoridade do papa, substituiu a do livro; mas a Bíblia, interpretada mediante o livre-exame, não pode ser considerada produto da inspiração divina. As consciências que conseguiram subtrair-se ao jugo de Roma não se poderiam colocar sob o de uma obra, sem dúvida respeitável e que é preciso tomar em consideração, mas de origem puramente humana, semeada de ficções e alegorias, sob as quais o pensamento filosófico se dissimula e desaparece na maioria das vezes. **CE**

Texto 81

O que é presentemente necessária à Humanidade, não é mais uma crença, uma fé decorrente de um sistema ou de uma religião particular, inspirada em textos respeitáveis, mas de autenticidade duvidosa, em que a verdade e o erro se mesclam e se confundem. O que se impõe é uma crença baseada em provas e em fatos; uma certeza fundada no estudo e na experiência, de que se destacam um ideal de justiça, uma noção positiva do destino, um estímulo de aperfeiçoamento, suscetíveis de regenerar os povos e ligar os homens de todas as raças e de todas as religiões.

Muitos laços históricos e religiosos prendem, incontestavelmente, a alma moderna à ideia cristã, para que possa deixar de por ela interessar-se. Há no Cristianismo elementos de progresso, germes de vida moral e social, que, desenvolvendo-se, grandes coisas podem produzir. A doutrina do Cristo contém muitos ensinamentos que ficaram incompreendidos e que, sob mais esclarecidas influências, podem produzir frutos de amor e sabedoria, resultados eficazes a favor do bem geral. Sejamos cristãos, mas, elevando-nos acima das diversas confissões, até à fonte pura de que brotou o Evangelho. Amemos o Cristo, mas coloquemo-lo superior às seitas intolerantes, às igrejas que se excluem mutuamente e se anatematizam. O Cristo não pode ser jesuíta, nem jansenista, nem huguenote; seus braços estão amplamente abertos a toda a Humanidade. **CE**

Texto 82

O moderno espiritualismo não dogmatiza nem se imobiliza. Não alimenta pretensão alguma à infalibilidade. Posto que superior aos que o precederam, o ensino espírita é progressivo como os próprios Espíritos. Ele se desenvolve e completa à medida que, com a experiência, se efetua o progresso nas duas humanidades, a da Terra e a do espaço – humanidades que se penetram mutuamente e das quais cada um de vós deve, alternativamente, fazer parte.

Os princípios do moderno espiritualismo foram expostos, estabelecidos, fixados por numerosos documentos, que emanavam das mais diversas fontes mediúnicas e apresentavam entre si perfeita concordância. Allan Kardec e, depois dele, todos os escritores espíritas, aplicaram-se a um longo e minucioso exame das comunicações de além-túmulo. Foi reunindo, coordenando o que estes tinham de comum, que eles acumularam os elementos de um ensino racional, que fornece satisfatória explicação de todos os problemas insolúveis antes dele. Esse ensino, além de tudo, é sempre verificável, pois que a fonte donde emana é inesgotável. A comunicação estabelecida entre os homens e os Espíritos é permanente e universal; ela se acentuará cada vez mais com os progressos da Humanidade. **CE**

Texto 83

O Espiritismo tem um lado inteiramente científico; repousa sobre provas palpáveis, sobre fatos incontestáveis, mas são principalmente as suas consequências morais que interessam à grande maioria dos homens. A experimentação, a minuciosa análise dos fatos, não está ao alcance de todos. Quando mesmo não faltasse o tempo, seriam precisos os agentes, os meios de ação e de verificação. Os pequeninos, os humildes, os que constituem a massa popular, nem sempre dispõem do necessário para o estudo dos fenômenos, e são precisamente esses os que têm maior necessidade de conhecer todos os seus resultados, todo o seu alcance. **CE**

Texto 84

As almas se atraem em razão de suas afinidades, constituem grupos ou famílias cujos membros se acompanham e mutuamente se auxiliam através de sucessivas encarnações. Laços potentes as vinculam; inúmeras vidas transcorridas em comum lhes proporcionam essas similitudes de opiniões e de caráter, que em tantas famílias se observam. Há exceções. Certos Espíritos mudam às vezes de meio, para mais rapidamente progredir. Nisso, como em todos os atos importantes da vida, há uma parte reservada à vontade livre do indivíduo, que pode, numa certa medida e conforme o grau de elevação, escolher a condição em que renascerá; mas há também à parte do destino, ou da lei divina que, lá em cima, fixa a ordem dos renascimentos. **CE**

Texto 85

O Antigo Testamento é o livro sagrado de um povo – o povo hebreu; o Evangelho é o livro sagrado da Humanidade. As verdades essenciais que ele contém acham-se ligadas às tradições de todos os povos e de todas as idades. A essas verdades, porém, muitos elementos inferiores vieram associar-se. Nesse ponto de vista o Evangelho pode ser comparado a um vaso precioso em que, no meio da poeira e das cinzas, se encontram pérolas e diamantes. A reunião dessas gemas constitui a pura doutrina cristã.

Quanto à sua verdadeira origem, admitindo que os Evangelhos canônicos sejam obra dos autores de que trazem os nomes, é preciso notar que dois dentre eles, Marcos e Lucas, se limitaram a transcrever o que lhes fora dito pelos discípulos. Os outros dois, Mateus e João, conviveram com Jesus e recolheram os seus ensinamentos. Os seus evangelhos, porém, não foram escritos senão quarenta e sessenta anos depois da morte do mestre. **CE**